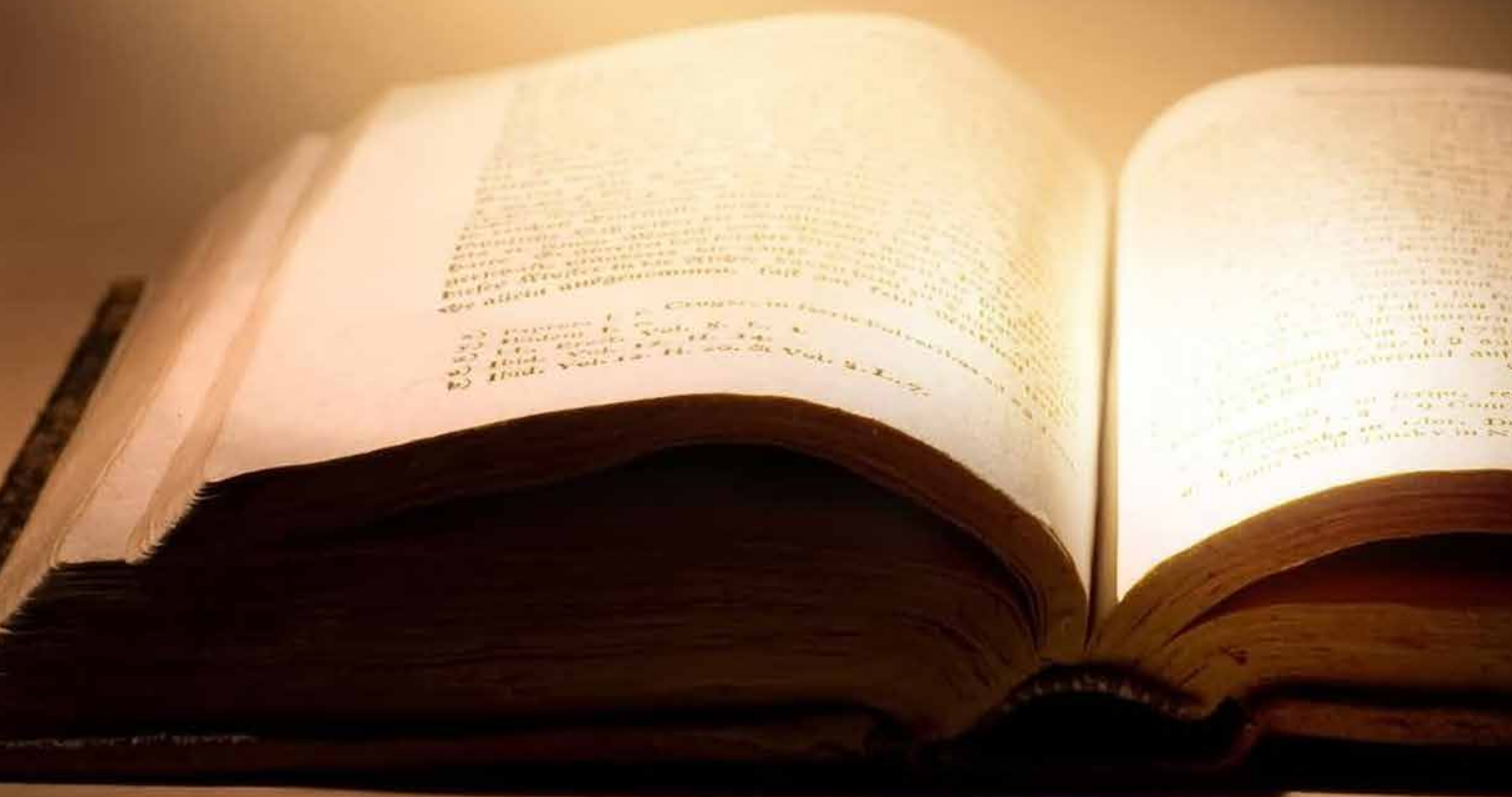


ENTENDENDO a Bíblia

Frei Jacir de Freitas Faria, OFM





Como ler os apócrifos do Segundo Testamento?

Como ler os apócrifos? Essa é uma boa pergunta. Como lê-los, se a Igreja sempre ensinou que esses textos não deveriam ser lidos?

Quando os apócrifos foram catalogados como proibidos e enviados para a fogueira, monges e lideranças cristãs, por exemplo, do Alto Egito, contrariando tal decisão, conservaram muitos deles em potes que foram enterrados e descobertos recentemente.

Para uma melhor compreensão dos apócrifos do Segundo Testamento (ST), de modo a superar os entraves históricos do rótulo: “Os apócrifos são todos fantasias e falsas teologias”, urge primeiramente classificá-los em três categorias, a saber: aberrantes, complementares e alternativos. Por aberrantes entendem-se aqueles que falsearam ou exageram na descrição dos fatos, por exemplo, da infância de Jesus. Os complementares são aqueles que apresentam dados que complementam os textos

Maria Madalena em meditação [s.d.], irmãos Le Nain

canônicos. Nesse grupo estão, por exemplo, os Evangelhos sobre Maria, a mãe de Jesus. Os alternativos são os que trazem novidades, seja no conteúdo, seja na expressão de um pensamento rejeitado e condenado ao esquecimento pelo pensamento hegemônico da época. O Evangelho de Maria Madalena é o melhor exemplo para um texto alternativo apócrifo. Não considerar essa divisão é colocar os apócrifos em uma única categoria, a de textos falsos, mentirosos e não inspirados.

Ler os apócrifos é também considerar as disputas teológicas que marcam o contexto histórico de cada um deles. Tais disputas teológicas aconteceram entre o cristianismo que se tornou hegemônico com grupos e movimentos, como os gnósticos e suas ramificações em gnósticos docetas, encratistas, fibionitas, cainitas, mas também ebionitas, marcionitas, donatistas, arianos e tantos outros, cujos nomes nem foram registrados nos anais da história. Todos defenderam seus pensamentos sobre a divindade de Jesus, salvação, sofrimento, ressurreição, martírio, virgindade, trindade, conhecimento que salva etc. Muitos desses grupos foram liderados por importantes cristãos, como Ário (256-336), Nestório (386-451), Marcião (85-160), Pelágio (360-435), Valentino (?-269), Donato (?-362) etc.

Ler os apócrifos exige um acurado estudo histórico da época de cada um deles. O contexto histórico é muito importante para compreender o porquê da expressão de fé transformada em livros apócrifos. Os apócrifos marianos, por exemplo, surgiram em um contexto de retomada da devoção a Maria, virgem e mãe.

A história do cristianismo nos revela um contexto de negação e afirmação de verdades de fé sobre Jesus. Cada grupo, procurando manter fidelidade aos ensinamentos de Jesus, defendeu seu ponto de vista. No Evangelho de Maria Madalena (17,9-19), vale citar a passagem após Madalena (3-63) dar seu testemunho sobre os ensinamentos de Jesus: “André, então, tomou a palavra e dirigiu-se a seus irmãos: ‘O que pensais vós do que ela acaba de contar?’ De minha parte, eu não acredito que o Mestre tenha falado assim; estes pensamentos diferem daqueles que nós conhecemos. Pedro ajuntou: ‘Será possível que o Mestre tenha conversado assim, com uma mulher, sobre segredos que nós mesmos ignoramos? Devemos mudar

nossos hábitos; escutarmos todos esta mulher?’”¹ Tal exemplo mostra um testemunho do século 2º sobre o papel da mulher no cristianismo em relação aos homens.

Além de identificar as várias formas do cristianismo, não podemos deixar de considerar, na leitura dos apócrifos, a forma e o modelo de Igreja que cada um deles representa ou defende. A cristandade surgiu em meio a várias formas de cristianismo e em uma disputa de valores e de ideias; algumas delas se solidificaram como verdades de fé e outras foram condenadas ao ostracismo, por serem consideradas heréticas. Por isso, ler os apócrifos é também considerar as questões políticas eclesiais que lhes são peculiares. Havia disputa de poder no início da doutrina cristã. Somente um tipo de cristianismo se tornou hegemônico, vencedor das disputas teológicas sobre Jesus.

Outro fator preponderante na leitura dos apócrifos é a questão de gênero. As mulheres tiveram sua liderança ceifada, no fim do século 2º, em favor da liderança masculina. Esse fator nos impõe uma leitura de gênero dos apócrifos, de modo que possamos resgatar o papel de Madalena como apóstola do cristianismo, nunca como prostituta. Também Maria, a mãe de Jesus, é descrita nos apócrifos como mãe virgem e apóstola de seu Filho. As duas mulheres foram apresentadas, historicamente, como modelos de cristãos: Madalena, a prostituta toda impura que se converteu, e Maria, a santa toda pura. Um modelo dependeu do outro para sobreviver. A leitura dos apócrifos deve também nos remeter aos vários gêneros literários, a partir dos quais eles foram escritos. Cada gênero possui seu contexto vital. Cada um deles apresenta o próprio modo de ensinar e transmitir uma visão de fé. Não podemos ignorá-los na leitura dos referidos textos.

A leitura pastoral dos apócrifos é algo novo que nos desafia no estudo deles. A tradição popular perpetuou, na memória oral e escrita, os

ensinamentos de fé dos apócrifos. O imaginário popular quis que tal fé não se perdesse, mesmo que não tivesse sido considerada a oficial. O povo iletrado, de modo especial, conservou essa fé “inspirada” por outros caminhos, construindo um saber histórico perpassado de geração em geração, na oralidade e na vivência de fé de seus valores. As tradições orais e escritas, sejam apócrifas, sejam canônicas, estão permeadas de interações recíprocas. Não se

podem negar essas constatações e devemos nos perguntar sempre: em que os apócrifos podem nos ajudar na fé crítica, alicerçada nas bases de uma teologia que liberta? Como nos libertar de visões apócrifas não libertadoras presentes em nosso meio? Como dialogar com esses textos de origem sem o medo de nos deixar contaminar por eles? Como eliminar o risco de querer defendê-los como textos inspirados? O estudo dos apócrifos não pode ter como objetivo lutar por sua canonização, afirmação de sua inspiração; estes são textos de experiência de fé, por mais exageradas que sejam, mas que revelam

outro pensamento, outro cristianismo que se perdeu. É o que nos mostra o estudo dos apócrifos em seu contexto histórico. Outro fator importante na compreensão dos apócrifos é compreendê-los a partir da classificação aberrantes, complementares e alternativos. É o que veremos no próximo artigo.

NOTA

¹ Cf. o comentário ao Evangelho de Maria Madalena em nosso livro: *As origens apócrifas do cristianismo: comentário aos evangelhos de Maria Madalena e Tomé*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

Frei Jacir de Freitas Faria, OFM

Escritor e mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma
www.bibliaeapocrifos.com.br



Arquivo pessoal



Apócrifos aberrantes, complementares e alternativos

Toda classificação é, em princípio, algo temeroso, já que se apresenta como fruto de critérios estabelecidos anteriormente por quem a propõe, correndo sempre o risco de ser simplista ou ideológica. No caso, qual é nosso interesse em classificar os apócrifos? Há a necessidade de romper com o costumeiro rótulo de falsos que lhes é atribuído. Vale citar que uma classificação dos apócrifos deve seguir princípios acadêmicos, hermenêuticos e históricos. E, mais do que isso, no diálogo com o mundo acadêmico, propor uma releitura pastoral desses textos, até mesmo correndo outro risco, o de reduzir a ciência à pastoral. São campos distintos e públicos diferenciados. Por outro lado, se todo ponto de vista é vista de ponto, tomemos o desafio de investigar e classificar os apócrifos do Segundo Testamento (ST) a partir do estudo crítico e histórico do cristianismo em seus sete primeiros séculos. Sempre com o desafio da pergunta: quais são os pontos de vista dos cristianismos perdidos que não se tornaram oficiais na literatura canônica do ST?¹

Bênção de Cristo (c. 1485), Hans Memling, montagem MSA

O CONTEÚDO DOS APÓCRIFOS ABERRANTES

Um apócrifo é “aberrante” porque exagera na descrição de fatos sobre Jesus e Seus seguidores ou discorda totalmente da narrativa canônica. Por outro lado, o narrador pode até mesmo considerar verdadeira a informação, mas exagera ainda mais para mostrar quanto é importante aquele fato para a fé. Nessa tarefa, muitas comunidades inventaram informações inverossímeis. A seguir, estão algumas ideias diferentes que provêm desses textos:

- 1) Jesus Menino usou de poderes divinos para matar adultos e crianças que O incomodavam nas brincadeiras pueris.
- 2) Ele era um garoto mal-educado e imaturo que não respeitava as autoridades. Tinha poderes de super-herói.
- 3) Jesus Menino não precisou estudar. Ele sabia ler e ensinar, mesmo não sendo alfabetizado.
- 4) Pilatos, Herodes e todo o Império Romano se converteram ao cristianismo, já no primeiro século do cristianismo.
- 5) Jesus, o Messias, vingou-se dos judeus entregando as chaves da cidade de Jerusalém para o Império Romano, de modo que este pudesse destruí-la com seus habitantes.

Considerando isoladamente um apócrifo aberrante, logo diríamos: “Isso é um exagero! Jesus Menino matava? Não, eu não acredito nisso!” E não deve acreditar mesmo.

Essa informação jamais poderia ser inspirada, tampouco levada em consideração na vivência de nossa fé. Pode até ser lida como literatura, mas não como texto inspirado.

O CONTEÚDO DOS APÓCRIFOS COMPLEMENTARES

Um apócrifo “complementar” é aquele que complementa, em primeiro lugar, o conteúdo do texto canônico sem, na maioria das vezes, diminuir o caráter de texto inspirado. Em segundo lugar, o apócrifo complementar reforça um posicionamento teológico ou eclesial do cristianismo hegemônico. Vale citar que a maioria dos apócrifos é complementar, embora tenha, ao mesmo tempo, um quê de aberrante e de alternativo. A seguir, estão algumas formas de pensamento apócrifo complementar:

- 1) A história de Maria, a mãe de Jesus, pouco valorizada nos canônicos, é narrada nos apócrifos de maneira piedosa e quase completa. Ademais, sua trajetória situa-se na história de Israel. Jesus foi morar no Templo, tendo o destino traçado pelos doutores da Lei. Muitos fatos ocorridos com Jesus também sucederam com Maria. Ela é a mãe do Messias, Jesus, e virgem antes, durante e depois do parto. As expressões da fé da piedade mariana católica encontram nos apócrifos seus fundamentos.
- 2) Maria foi o primeiro ser humano, mortal, que ressuscitou e foi levada aos céus por Jesus. Isso alimenta ainda mais a certeza de nossa fé na ressurreição. Sua assunção se tornou dogma de fé católica.

- 3) Jesus morreu, mas, antes de ressuscitar, desceu aos infernos, onde venceu Satanás e libertou os mortos. O Terço, na jaculatória: “Oh, meu Jesus, perdoai-nos e livrai-nos do fogo do inferno. Levai as almas todas para o céu e socorrei principalmente as que mais precisarem de Vossa misericórdia”, relembra essa tradição apócrifa.
- 4) Jesus Menino, assim como adulto Jesus, também era capaz também de fazer milagres, ressuscitar, menos de exorcizar.
- 5) São José é o pai não carnal de Jesus, mas acolheu Maria como esposa, cuidou dela e do Filho de Deus. Ele era viúvo quando se casou com Maria, sob orientação dos sacerdotes do Templo de Jerusalém.
- 6) Os irmãos de Jesus, a que se referem os canônicos, são os filhos de José com a primeira esposa. Eles são irmãos de criação de Jesus.
- 7) Jesus Menino é um sábio: “Não posso suportar o voo da sua inteligência”, exclamou um de seus professores.
- 8) Aos doze anos, quando o Menino foi encontrado no Templo, discutindo com os doutores da Lei, estes elogiam Maria, e não Jesus.
- 9) Jesus Menino viveu como as outras crianças em suas travessuras. Ao longo da vida, Ele foi-se descobrindo Filho de Deus. Era um humano que foi sendo polido para exercer Sua missão na vida adulta. Quando chegou o momento de iniciar a vida pública, sua mãe O encorajou, dizendo que Sua missão não seria fácil. ▶

10) A Igreja verdadeira é aquela da sucessão apostólica. Pedro é o apóstolo a quem Jesus conferiu o poder de conduzir Sua Igreja. A partir dele e dos outros apóstolos, há uma sucessão apostólica ininterrupta de passagem da condução do cristianismo nos caminhos do Espírito Santo e de Jesus ressuscitado.

11) Os apóstolos fundaram igrejas e sagraram bispos.

12) Pilatos converteu-se ao cristianismo. Ele se fez de vítima. Este fato se assemelha ao texto canônico, quando diz que Pilatos lavou as mãos. Na figura do prefeito da Judeia, está o Império Romano que abraça o cristianismo.

As muitas expressões de fé dos apócrifos complementares tornaram-se quase inspiradas na tradição oral. Vale citar que formas atuais de viver, por exemplo, nossa fé mariana, são elucidadas com a leitura dos apócrifos sobre Maria, da qual pouco se escreveu na Bíblia. As comunidades sentiram-se impelidas a ampliar essas informações de modo devocional e piedoso. Maria recebe todo o carinho de mãe deste escritor, age como mãe e apóstola de seu filho, Jesus.²

O CONTEÚDO DOS APÓCRIFOS ALTERNATIVOS

Um apócrifo “alternativo” é aquele que apresenta uma forma de cristianismo alternativo e diferente daquele que se tornou hegemônico. Os cristianismos alternativos passaram por verdadeiras batalhas teológicas com o hegemônico. Eles perderam o embate, e, por isso, foram expurgados da lista dos inspirados. A seguir, estão algumas novidades do cristianismo desses apócrifos:

1) Cristo veio do Pleroma e encarnou-se em Jesus de Nazaré. Para voltar à realidade superior, Ele precisou se libertar do corpo de Jesus.



Maria Madalena (c. 1500), Pietro Perugino

Segundo os Apócrifos alternativos, Jesus e Madalena estiveram muito próximos.

Madalena foi a amada de Jesus, a parte feminina d’Ele na integração com o masculino rumo à Plenitude, onde está o princípio criador, masculino e feminino

2) O pecado é um fruto da natureza adulterada, mas não nascemos com ele. Não existe pecado original.

3) A mulher é também apóstola de Jesus, exercendo liderança na comunidade apostólica.

4) Jesus veio para eliminar a parte feminina da criação, de modo que o ser humano deixasse de multiplicar o negativo no mundo. Para se salvar, a mulher deve tornar-se homem. Alguns gnósticos acreditavam que o ser humano era somente masculino. Somente ele tinha a salvação. A mulher seria a parte negativa da criação. O judaísmo ortodoxo também seguiu esse princípio. A mulher, com o casamento, recebe a santificação por meio de seu marido.

5) Jesus, primeiro ressuscitou, depois morreu. “Os que dizem que o Senhor primeiro morreu e depois

ressuscitou estão enganados, pois Ele primeiro ressuscitou e depois morreu” (Evangelho de Filipe, 56). O que vale é a vida no conhecimento salvador; o corpo não importa.

6) Jesus e Madalena estiveram muito próximos. Madalena foi a amada de Jesus, a parte feminina d’Ele na integração com o masculino rumo à Plenitude, onde está o princípio criador, masculino e feminino.

7) As partes masculina e feminina do ser humano devem estar integradas para encontrar a Salvação. Procurar por isso é se conhecer. Conhecer é encontrar a Salvação.

8) Jesus prega a libertação do ser humano de sua condição de aprisionado na carne e no mundo pelo demiurgo, que o concebeu para criar outros seres inferiores. A origem de todos nós é uma realidade de luz e assexuada, um andrógino primordial. Quem consegue se libertar dessa condição, pela gnose, não conhecerá a morte. Jesus disse: “Aquele que descobre as interpretações dessas palavras não provará a morte” (Evangelho de Tomé, 1).

9) A Salvação pregada por Jesus é a do conhecimento (gnose): “Jesus disse: ‘Aquele que bebe da minha boca tornar-se-á como eu, e eu mesmo me tornarei como ele, e ser-lhe-ão reveladas coisas ocultas’” (Evangelho de Tomé, 108). Jesus convida todos a abandonar o mundo e conhecer a si mesmo e a centelha do divino que está em cada um de nós.

10) Jesus que salva é o gnóstico, não Aquele da cruz redentora do pecado e histórico.

11) Jesus é a luz presente em todas as coisas, até mesmo em um pedaço de lenha. “Rachai a madeira, eu estou lá dentro” (Evangelho de Tomé, 77).



12) Tiago, o irmão de Jesus, foi o primeiro bispo de Jerusalém. Ele defendia a ideia de um cristianismo aguerrido e contra o Império Romano, mas com valores do judaísmo.

13) Jesus pregou contra o Império Romano, convocando Seus seguidores, se preciso fosse, até mesmo a fazer uso da luta armada: "O Reino do Pai é semelhante a uma pessoa que quer matar uma

pessoa poderosa. Apanhando uma espada em sua casa, traspassou a parede. Queria saber se a sua mão estava bastante resistente. Depois matou o homem poderoso" (Evangelho de Tomé, 98).

14) A morte e ressurreição de Jesus são importantes, mas não ponto de partida para a Salvação, que é a gnose.

15) Jesus existiu antes da criação do mundo.

16) Paulo é o verdadeiro apóstolo de Jesus. Ele é também o arqui-inimigo do cristianismo.

17) O martírio não é caminho de Salvação. Jesus não veio para trazer o sofrimento ao mundo. Imitar o sofrimento de Jesus não é encontrar a Salvação.

Uma leitura atenta de cada apócrifo do Segundo Testamento revela que, no próprio texto, podem-se encontrar partes aberrantes, complementares ou alternativas. No entanto, se tomarmos o conjunto do livro, podemos afirmar que a maioria dos 88 apócrifos é complementar (52 deles), e o restante divide-se em aberrantes e alternativos.

NOTAS

¹ FARIA, Jacir de Freitas. *Apócrifos aberrantes, complementares e cristianismos alternativos – poder e heresias!* Introdução crítica e histórica à Bíblia Apócrifa do Segundo Testamento. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

² Para compreender os apócrifos marianos, sugiro a leitura de meu livro: *História de Maria, mãe e apóstola de seu filho, nos Evangelhos Apócrifos*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

Frei Jacir de Freitas Faria, OFM

Escritor e mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma
www.bibliaeapocrifos.com.br



Arquivo pessoal



Apócrifos na história e consolidação do cristianismo hegemônico

A história do cristianismo revela-nos um contexto de negação e afirmação de verdades de fé sobre Jesus. Cada grupo, procurando manter fidelidade aos ensinamentos d'Ele, defendeu seu ponto de vista. Havia disputa de poder no início do cristianismo, na forma de liderar e de ser testemunha da ressurreição. Uma vasta literatura formou-se ao



Santos Paulo e Pedro, Carlo Crivelli

longo do processo de consolidação do cristianismo. Uma foi considerada inspirada, tornando-se canônica, e a outra levou a alcunha de apócrifa. A religiosidade popular conservou na memória os relatos apócrifos. A literatura inspirada terminou seu ciclo já no fim do século 1º. Já a apócrifa, no processo de consolidação do cristianismo, foi produzindo muitos modos de pensar divergentes, complementares ou alternativos ao cristianismo que se tornou hegemônico. Vejamos como isso ocorreu ao longo dos sete primeiros séculos do cristianismo.

O século 1º do cristianismo teve sua marca indelével na fé na ressurreição de Jesus, em meio aos conflitos com as comunidades judaicas. O apóstolo Paulo (5-67) disse que em vão seria nossa fé se Cristo não tivesse ressuscitado. As mulheres tiveram um papel fundamental nas primeiras comunidades. Elas assumiram funções de liderança. Foram apóstolas, profetisas, mestras e diaconisas. Paulo referiu-se a muitas delas assumindo esses papéis. Madalena e Maria, a mãe de Jesus, foram exemplos de liderança feminina nesse século. A pergunta que permanece é: por que Madalena não foi confirmada como apóstola? Foi ela quem viu primeiro o ressuscitado. Paulo, que não conheceu Cristo terreno, mas o viu ressuscitado, foi considerado apóstolo por causa disso. A perseguição romana foi tremenda para os cristãos, considerados pelo Império como grupo ilegal e segregado, que rejeitava os deuses romanos, protetores do Império, bem como seguiam um homem condenado e executado por ter feito magia. A caça aos cristãos era até incentivada pelo Império. Na outra ponta da linha, o cristianismo rompeu com o judaísmo, que se firmou na corrente farisaica do rabi Akiba (50-135). Vários cristianismos, vários modos de conceber a mensagem de Jesus marcaram o primeiro século. No fim do século 1º, a Igreja tinha consciência de sua edificação no fundamento dos doze apóstolos¹, mas foi somente ►

nos séculos seguintes que tal fator se tornou preponderante para sua constituição. O cristianismo apócrifo do século 1º não foi tão marcante em questões apologéticas, como foi o do século 2º em diante. Ele foi complementar em relação às questões da sucessão apostólica e de rejeição ao judaísmo, e alternativo na proposta de cristianismo revolucionário em relação ao Império Romano.

O cristianismo apócrifo do século 2º foi, com toda a certeza, o mais rico de todos eles. Quando tudo parecia resolvido com a literatura canônica, embora esta ainda não pudesse ser assim considerada, surgiram nada menos que 34 outros livros para expressar ideias complementares, aberrantes e alternativas ao cristianismo, que se tornaria hegemônico. A curiosidade dos cristãos sobre fatos da vida de Jesus, que não tinham sido contemplados nos quatro evangelhos e cartas, produziu textos, imaginou episódios e, sobretudo, criou cristianismos, fundamentou outros. O cristianismo gnóstico, de origem anterior ao cristianismo, consolidou-se nesse período. Esse foi, certamente, a mais forte oposição ao cristianismo hegemônico, que usou até de artifícios não muito salutares para diminuir a força e o papel evangelizador desses seus opositores. Testemunhos mostram como a doutrina e a conduta moral deles eram duramente atacadas². O cristianismo gnóstico era para poucos. Somente alguns, aqueles que possuíam a centelha da luz, poderiam atingir a salvação gnóstica. O gnosticismo era um cristianismo elitizado. Os cristianismos apócrifos gnósticos, ao negar a ressurreição de Jesus, quiseram, com isso, negar a autoridade apostólica dos bispos, os quais fundamentavam seu poder eclesial em Pedro (1 a.C.-67 d.C.), que primeiro viu e afirmou que Cristo ressuscitou. Pedro, por causa disso, reivindicava para si o exercício exclusivo da liderança sobre as igrejas³. A autoridade de Cristo foi repassada ao papa,

O cristianismo vencedor das disputas teológicas foi aquele que firmou raízes no Império Romano e chegou até nós. Por isso, é também chamado de romano e católico, por ter sido anunciado a todo o mundo, com base nos ensinamentos dos apóstolos, sobretudo Pedro e Paulo. Nasceu, assim, a cristandade, fundamentada no cristianismo apostólico, que se tornou hegemônico

aos bispos e aos padres. A liderança exercida pelas mulheres entre os cristãos gnósticos marcionitas, *carpocráticos* e montanistas, como profetisas, sacerdotisas, bispas e mestras, foi banida no cristianismo hegemônico, já no final do século 2º. A partir daí, quem concedesse poder às mulheres seria considerado herético. A tentativa de

estabelecer um cânone de livros inspirados foi uma arma utilizada pelo cristianismo hegemônico contra os vários grupos heréticos. O fato de Marciano (85-160) rejeitar as cartas paulinas fez que as cartas pastorais fossem também atribuídas a Paulo. O evangelho de João, por ser usado pelos montanistas, quase não entrou no cânone. Entrou porque foram atribuídas a ele três epístolas consideradas inspiradas, tirando a possibilidade para a heresia⁴. Rejeitando posicionamentos extremistas, purificando-se de outros, penetrando em várias camadas da

sociedade, buscando preservar uma unidade de pensamento na transmissão dos ensinamentos de Jesus, o cristianismo que se tornou hegemônico foi-se estabelecendo em uma única igreja. Erraram os gnósticos ao negar a divindade de Jesus, sua encarnação e redenção. Erraram os hegemônicos quando eliminaram todos aqueles que pensavam de modo diferente, fortalecendo-se em poder de uma instituição, a partir de discussões apologéticas, mesmo que a instituição seja necessária e positiva.

O século 3º marcou uma nova e importante fase do cristianismo hegemônico. Nessa época, as comunidades e o clero escolheram seu bispo, que deveria ser ordenado em uma celebração litúrgica. Para legitimar Roma como a nova sede do cristianismo, Paulo e Pedro foram considerados os maiores apóstolos do cristianismo, passando ter seus nomes identificados e mencionados sempre em relação a essa cidade. Esse século marcou o início de um cristianismo hierárquico, de sucessão apostólica, pró-Roma, com

sacramentos, pregações e uma possível lista de livros inspirados. Tudo isso conferiu autoridade ao cristianismo, que se tornaria a religião do Império, no século posterior.

No século 4º, o cristianismo apócrifo continuou legitimando o cristianismo hegemônico. O papel de Maria ganhou destaque. Esse século serviu também para consolidar a questão da sexualidade como caminho de salvação. Se, nos séculos anteriores, deixar de casar reforçaria uma iminente parusia, nesse momento, o celibato e a virgindade foram louvados e propagados como o melhor caminho para a salvação do cristão. O matrimônio era apenas tolerado, um grau menos pecaminoso que a fornicção, como dizia São Jerônimo (347-420). O culto a Maria, a Virgem mãe, foi propagado como o modelo de pureza sexual e espiritual.

No século 5º, enquanto a Igreja se mostrava forte, o Império Romano parecia fragmentado em termos políticos, militares e administrativos. O culto a Maria e aos santos difundiu-se com força entre as comunidades. Maria era o modelo de mulher virgem que devia ser seguido por todos. Em 451, o Concílio de Calcedônia proclamou as duas naturezas na única pessoa de Cristo. O cristianismo apócrifo desse século, entre outras contribuições, consolidou a ideia da culpa impetrada aos judeus pela morte de Jesus.

No século 6º, o cristianismo apócrifo fortaleceu o cristianismo apostólico hegemônico e a piedade mariana. Seguindo o pensar teológico desse século, a literatura apócrifa, a partir do século 7º, reforçou a piedade mariana e a conversão do Império Romano ao cristianismo, com consequente condenação dos judeus. Tendo percorrido os sete séculos do cristianismo, concluímos que, até o século 3º, ele conviveu com diversas teorias e teologias. O cristianismo apócrifo gnóstico, principal opositor daquele que se tornou hegemônico, era também multiforme; por isso, ele se enfraqueceu e foi vencido. No cristianismo hegemônico, a trajetória foi diversa. Ele conseguiu agregar vários modos de pensar teológico. Assim, no século 4º, um ramo do cristianismo tornou-se o oficial e hegemônico. Os outros foram subjugados a ele, expulsos e cunhados de heréticos, pois pensavam diferente do que fora estabelecido como verdadeiro. A história foi reescrita pelo grupo vitorioso, de modo que parecesse que assim já era desde os tempos apostólicos⁵. O



Santos Paulo e Pedro com Maria e o Menino Jesus, Giuseppe Cesari

cristianismo vencedor das disputas teológicas foi aquele que firmou raízes no Império Romano e chegou até nós. Por isso, é também chamado de romano e católico, por ter sido anunciado a todo o mundo, com base nos ensinamentos dos apóstolos, sobretudo Pedro e Paulo. Nasceu, assim, a cristandade, fundamentada no cristianismo apostólico, que se tornou hegemônico, estabelecendo, ao longo de séculos, dez ações, como:

- 1) Provou ao Império Romano a sua antiguidade a partir do judaísmo, sendo a realização das promessas do Primeiro Testamento.
- 2) Rompeu com o judaísmo como religião.
- 3) Criou uma igreja e um bispo homem, eliminando o poder de direção institucional das mulheres.
- 4) Colocou um bispo romano para todas as igrejas.
- 5) Criou comunhão universal na fé apostólica com todas as igrejas, tornando-se católico.
- 6) Estabeleceu um credo de fé apostólico.
- 7) Eliminou os vários outros modos de conceber o cristianismo, sobretudo aqueles cognominados de apócrifos aberrantes, complementares ou alternativos.

- 8) Utilizou tradições apócrifas complementares em seus dogmas de fé.
- 9) Determinou a lista dos livros inspirados.
- 10) Fundamentou, nos canônicos e na tradição apostólica, a fé em Jesus ressuscitado, humano, divino e trinitário.

O cristianismo hegemônico venceu vários tipos de cristianismos propostos, mas não conseguiu eliminar todos eles. Muitas de nossas práticas e profissões de fé cristã têm também seus fundamentos nas origens apócrifas do cristianismo. Na maioria das vezes, nem temos consciência disso. Cito apenas algumas, como: aceitação do Primeiro Testamento judaico como literatura inspirada; a humanidade e a divindade de Jesus; posturas antijudaicas; o desprezo pelo corpo e a visão negativa do sexo; a luta para escapar do mundo material com práticas ascéticas⁶; devoções marianas; vivência intimista e individualizada da fé sem a necessidade de uma estrutura eclesial e hierárquica. Mesmo tendo assimilado pensamentos apócrifos, o cristianismo hegemônico condenou movimentos e pessoas e até mesmo chegou a acusá-los de heresias. Muitas vezes, nem todo o pensamento de um grupo, só alguns elementos eram heréticos. Entre esses grupos, não podemos esquecer os ebionitas, os marcionitas, os montanistas e os adocionistas. Entre os ilustres teólogos condenados, destacam-se Tertuliano (160-220) e Orígenes (182-254).

REFERÊNCIAS

- ¹ MATOS, Henrique José Cristiano. *Introdução à história da Igreja*. 2. ed. Belo Horizonte: Lutador, 1997. p. 40. v. 1.
- ² JOHNSON, Paul. *História do cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001. p. 66-67.
- ³ PAGELS, Elaine. *Os Evangelhos Gnósticos*. São Paulo: Cultrix, 1996. p. 38.
- ⁴ JOHNSON, Paul. *História do cristianismo*. Rio de Janeiro: Imago, 2001. p. 71.
- ⁵ EHRMAN, Bart D. *Evangelhos perdidos: as batalhas pela escritura e o cristianismo que não chegamos a conhecer*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 253.
- ⁶ *Ibidem*, p. 363-365.

Frei Jacir de Freitas Faria, OFM

Escritor e mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma
www.bibliapocrifos.com.br



Arquivo pessoal



MADALENA

prostituta
sem nunca
ter sido

Maria Madalena na caverna (1868), Hugues Merle



Nos evangelhos canônicos, Maria Madalena (3-63) é a personagem feminina mais importante e controversa. Sem contar as repetições, ela aparece doze vezes nos evangelhos. Os Atos dos Apóstolos simplesmente ignoram a sua pessoa. Os traços da ação e personalidade de Madalena nos canônicos são: apóstola que acompanha Jesus desde a Galileia (cf. Lc 8,1-3); mulher possesa de sete demônios, os quais são expulsos por Jesus (cf. Mc 16,9), capacitando-a para o serviço do Reino; mulher que sustenta financeiramente a Jesus (cf. Lc 8,2); testemunha da morte, enterro e ressurreição de Jesus.

Na tradição da literatura apócrifa (dez livros), Madalena aparece como: companheira, esposa/consorte, amada de Jesus; não prostituta; personificação terrena da gnose/sabedoria; mulher que conhecia o todo; apóstola e confidente de Jesus; mestra nos ensinamentos de Jesus¹. O Evangelho de Maria Madalena é uma preciosidade de informações sobre o papel apostólico exercido por Madalena, que infelizmente não entrou na lista dos livros inspirados. Escrito, possivelmente, no ano 150 da Era Comum, esse evangelho, em sua versão copta (língua do Egito), foi encontrado em vasos enterrados perto de um

mosteiro, no Alto Egito, em uma localidade chamada Nag Hammadi. A Madalena desse evangelho se parece com a dos evangelhos canônicos, com a diferença de que, no apócrifo, ela assume seu papel de mulher apóstola. Jesus revela-lhe ensinamentos, os quais Ele transmite aos apóstolos. Pedro (1 a.C.-67 d.C.), André (?-60) e Levi (Mateus, ?-c. 72) são os interlocutores explícitos, e os dois primeiros reagem contra a mulher Madalena, não aceitando sua condição de mestra e apóstola. O final do evangelho diz que, após os ensinamentos de Madalena, os discípulos saem a anunciar o evangelho segundo Maria Madalena. Isso só foi possível porque Levi conseguiu fazer que Pedro, André e os apóstolos compreendessem que Madalena era a preferida de Jesus e Sua apóstola. Ela falava a verdade sobre os ensinamentos de Jesus. Na palavra de homem, Madalena é confirmada na sua ação. O coração deles se abre para ouvir Madalena e anunciar seu evangelho. *Pistis Sophia* (Fé Sabedoria) está estruturado em forma de diálogo entre Jesus ressuscitado, Maria Madalena, Maria, a mãe de Jesus, Salomé, Marta e os onze apóstolos. O conteúdo da revelação é expressamente gnóstico. Notório é o destaque dado à pessoa de Madalena. É ela quem dirige a Jesus a maioria das perguntas, comenta o sentido das respostas e é louvada pelo mestre por sua sabedoria e presença do Espírito. ▶

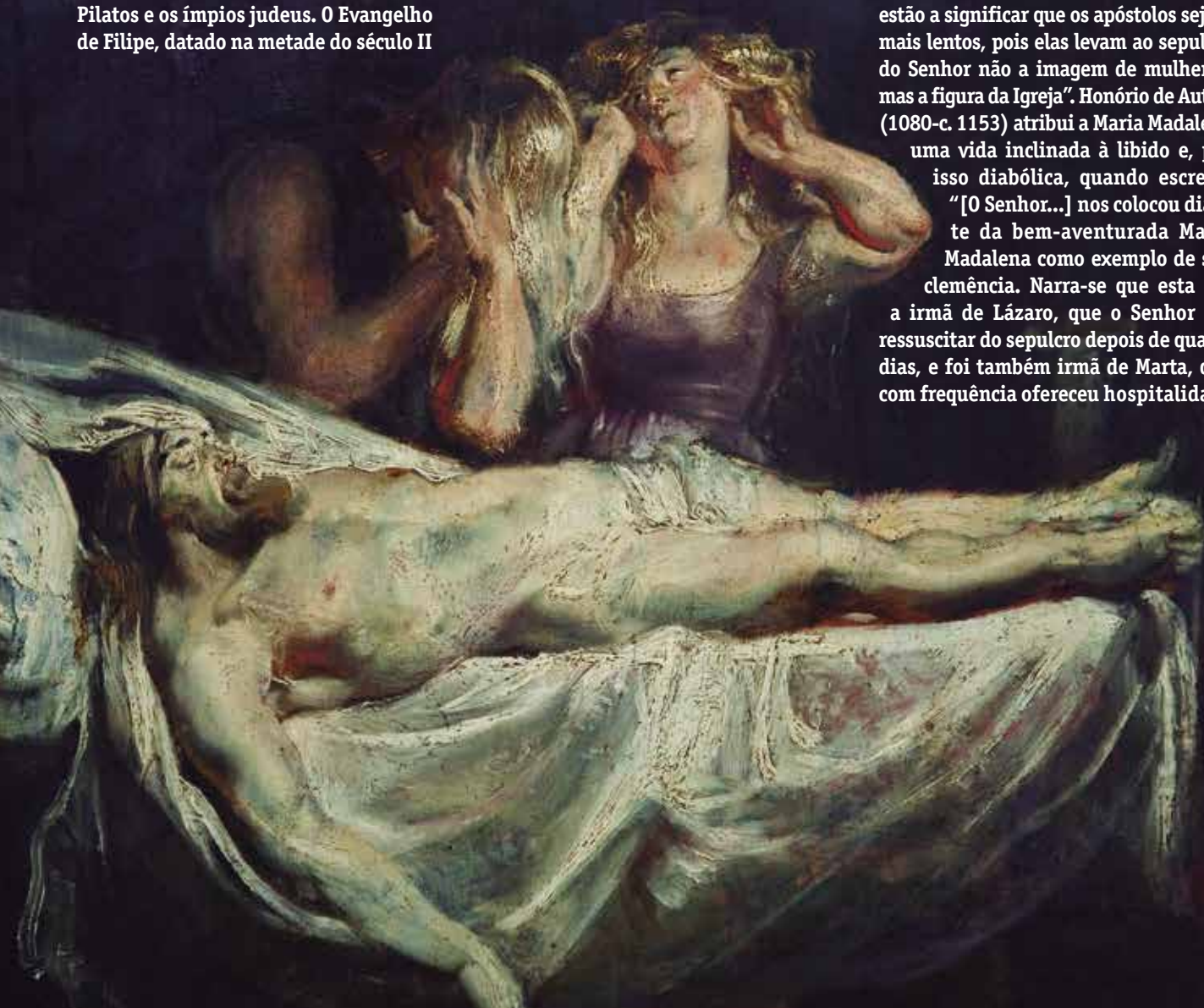
O Evangelho de Tomé, nos textos datados do ano 140 E.C., cita duas vezes Maria Madalena. No primeiro (Dito 21), ela pergunta a Jesus a quem se parecem os discípulos e, no final do evangelho (Dito 114), Pedro toma a palavra e pede que Jesus expulse Madalena do meio deles, pois as mulheres não são dignas da Vida, do Reino de Deus. Jesus responde com ironia a Pedro e valoriza o papel da mulher, do feminino, e confirma a ideia gnóstica de que o feminino era o lado ruim da criação.

O Evangelho de Nicodemos, escrito do século V E.C., apresenta o sofrimento de Madalena pela morte por crucificação de Jesus e a sua decisão de levar ao conhecimento do Império Romano e ao mundo as atrocidades cometidas por Pilatos e os ímpios judeus. O Evangelho de Filipe, datado na metade do século II

e segunda metade do século III E.C., é um escrito gnóstico. Nele, assim como em Perguntas de Maria, Madalena é apresentada como companheira de Jesus. O livro da ressurreição de Cristo do apóstolo Bartolomeu (?-51), escrito dos séculos VII ao VIII E.C., ao distinguir entre a multidão das mulheres que estavam no sepulcro, na manhã da ressurreição, fala de Madalena como mulher que foi libertada da mão de Jesus por Satanás e não como prostituta. Salomé, sim, é denominada de "a tentadora". Também nesse evangelho, Jesus ressuscitado aparece a Maria, mãe de Jesus, e não a Madalena. Outros escritos apócrifos, como Exegese em torno da alma, embora não cite explicitamente

o nome de Madalena, oferece reflexões em torno de sua pessoa, como o mito de pecadora arrependida.

A tradição judaica, hostil a Jesus, também ensinou que Maria Madalena era adúltera. O *Talmude* chega a confundir Maria Madalena com Maria, mãe de Jesus. Na história da Igreja, destacam-se os testemunhos de Santo Ambrósio (340-397), o qual diz que Madalena poderia ter sido pecadora. Pedro Crisólogo (406-450) diz que Madalena é o símbolo da Igreja "Santa e Pecadora". Quanto ao anúncio da ressurreição às mulheres, Crisólogo afirma: "Neste serviço, as mulheres precedem aos homens, elas que pelo sexo vêm depois dos homens, por ordem (hierárquica) depois dos discípulos: mas não por isso estão a significar que os apóstolos sejam mais lentos, pois elas levam ao sepulcro do Senhor não a imagem de mulheres, mas a figura da Igreja". Honório de Autun (1080-c. 1153) atribui a Maria Madalena uma vida inclinada à libido e, por isso diabólica, quando escreve: "[O Senhor...] nos colocou diante da bem-aventurada Maria Madalena como exemplo de sua clemência. Narra-se que esta era a irmã de Lázaro, que o Senhor fez ressuscitar do sepulcro depois de quatro dias, e foi também irmã de Marta, que com frequência ofereceu hospitalidade



Lamentação (c. 1609), Peter Paul Rubens

A mulher Madalena ficava subestimada em seu papel de liderança apostólica. Temos uma dívida histórica com ela. Em 1969, a Igreja Católica pronunciou-se reconhecendo o erro histórico com Maria Madalena e pedindo desculpas pela errônea alcunha de prostituta. Pouco difundido na época, o documento não teve muita repercussão

ao Senhor. Esta Maria foi enviada para junto ao marido na cidade de Mágdala, mas, fugindo dele, foi para Jerusalém. Esquecendo-se de sua família, esquecida da lei de Deus, tornou-se uma vulgar meretriz; e, após se tornar prostíbulo da torpeza, se tornou também, por consequente, sacrário dos demônios; de fato, entraram nela sete demônios todos juntos, e constantemente a atormentavam com desejos imundos”².

Em 1050, Maria Madalena foi proclamada padroeira de uma abadia de monjas beneditinas. A ideia seria mostrar que ela se arrependeu e tornou-se eremita. Na França, é tida como padroeira dos perfumistas e cabeleireiros. Maria Madalena é celebrada pela Igreja Católica no dia 22 de julho. Ela é também a padroeira das prostitutas³.

Na liturgia devocional da Idade Média, encontram-se Laudes e Completas dedicadas a Maria Madalena. Ela inspirou muitos pintores, os quais a retratam como mulher pecadora; penitente; bela e formosa; idosa e solitária; que unge Jesus; que ampara Maria, a mãe de Jesus; que anuncia o ressuscitado; discípula que acompanha Jesus em sua agonia.

A tradição cristã fez de Maria Madalena uma prostituta arrependida, fato que não pode ser sustentado nem mesmo pelos evangelhos canônicos, os quais não

mencionam que ela era prostituta. O famoso texto de Lucas 7,36-50, a pecadora que unge os pés de Jesus, não diz que essa era Madalena. A comunidade lucana coloca, logo a seguir, que Jesus andava por cidades e povoados pregando acompanhado por mulheres, entre as quais estava Maria Madalena, aquela da qual ele havia expulsado sete demônios. Caso a prostituta fosse Madalena, por que a comunidade lucana omitiria seu nome? E, além disso, ela aparece no texto posterior com adjetivo de ex-possessa. Ou seria isso que levou a Igreja a identificá-la com a prostituta? Se comunidade lucana soubesse que a prostituta que ungiu Jesus era Madalena, ela não teria motivos não dizê-lo. Situando o texto da pecadora no início da vida pública de Jesus, a comunidade lucana quis mostrar que todos os pecadores, assim como os que seguem o mestre, devem ter lugar na comunidade⁴.

Foi um erro histórico dos padres da Igreja a interpretação de Lucas 7,36-50, que foi seguida pela devoção popular e a arte. Com certeza, essa análise alimentava o espírito machista dos primórdios do cristianismo. A mulher Madalena ficava subestimada em seu papel de liderança apostólica. Temos uma dívida histórica com ela. Em 1969, a Igreja Católica pronunciou-se reconhecendo o erro histórico com Maria Madalena e pedindo desculpas

pela errônea alcunha de prostituta. Pouco difundido na época, o documento não teve muita repercussão. A personagem Maria Madalena foi tratada, no decorrer da história cristã, como mito de pecadora redimida. De prostituta, virou santa para morar no imaginário coletivo como mulher forte e exemplo de vida cristã. Infelizmente, esse foi um bem, que, para se firmar, teve de fazer uso de inverdades como a história de Maria Madalena, a prostituta.

REFERÊNCIAS

- ¹ Cf. nosso livro: *O outro Pedro e a outra Madalena segundo os apócrifos: uma leitura de gênero*. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 121-153.
- ² Citado por: SEBASTIANI, Lilian. *Maria Madalena: de personagem do Evangelho a mito de pecadora redimida*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 97-98.
- ³ Cf. nosso livro: *As origens apócrifas do cristianismo: comentário aos evangelhos de Maria Madalena e Tomé*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 34.
- ⁴ WEG, Magda Misset-van de, Maria van Mágdala en de zondige vrouw. *Schift*, Tilburg, n. 205, p. 6, 2003.

Frei Jacir de Freitas Faria, OFM

Escritor e mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma
www.bibliaeapocrifos.com.br



Arquivo pessoal



MADALENA e JESUS

Amor preferencial e integrador

Para a relação entre Maria Madalena e Jesus, a tradição apócrifa gnóstica conservou conceitos, no mínimo, controvertidos. A comunidade de Filipe assim descreve: “Eram três que acompanhavam sempre o Senhor: sua mãe Maria, a irmã dela, e Madalena, que é chamada de sua companheira. Com efeito, era ‘Maria’ sua irmã, sua mãe e sua consorte”¹. O entendimento desse



Aparição de Cristo à Maria Madalena após a Ressurreição, 1835, Alexander Ivanov



texto diverge entre os tradutores. Alguns entendem que Maria era o nome da irmã de Maria, a mãe de Jesus. Outros dizem que Maria era também o nome de uma irmã de Jesus, tradição anotada por Epifânio². Também os apócrifos sobre Maria afirmam que Maria, a mãe de Jesus, teve outra irmã, de nome Maria, que se tornou a esposa de Cléofas, informação também anotada em João 19,25. Na verdade, três Marias são importantes na vida de Jesus: a Sua mãe, Sua irmã e Sua companheira. O último apelativo refere-se a Maria Madalena. Madalena seria a esposa ou companheira de Jesus. O termo grego usado *koinonos* se refere a coito. Assim, Madalena, além de esposa, era mãe e irmã de Jesus. Não estaríamos falando de uma mesma mulher em três arquétipos? Jean-Yves Leloup (1950-) afirma: "No cristianismo, não existem verdadeiras mulheres, mas virgens, mães e prostitutas... Se as mulheres é que fazem os homens, poderíamos tirar a conclusão de que também não existem verdadeiros homens; apenas, meninos, bons papais ou tarados sexuais. A reabilitação da personagem Miryam de Mágdala ao lado de Ieschua de Nazaré poderia contribuir para que, hoje em dia, homens e mulheres viessem a realizar o *anthropos* em plenitude"³.

No evangelho de Maria Madalena, Pedro reconhece que Jesus amava Madalena diferentemente das outras mulheres (MM 10,1-3). Ele pergunta apavorado: "Será que Ele verdadeiramente a escolheu e a preferiu a nós?" (MM 17,20). Levi, na defesa de Madalena, e reconhecendo que ela era a amada do Senhor, dá um puxão de orelha em Pedro, quando lhe diz: "Pedro, tu sempre um irascível. Vejo-te agora te encarniçar contra a mulher, como o fazem nossos adversários. Pois bem! Se o Mestre ►

tornou-a digna, quem és tu para rejeitá-la? Seguramente, o Mestre a conhece muito bem... Ele a amou mais que a nós”⁴. No evangelho de Filipe, outra informação surpreende os ouvidos menos avisados: “A companheira de Cristo é Maria Madalena. O Senhor amava Maria Madalena mais que todos os discípulos, e a beijava na boca repetida vezes. Os discípulos lhe disseram: ‘Por que a amas mais que a nós?’ O Salvador respondeu dizendo: ‘Como é possível que eu não vos ame tanto quanto a ela?’” (p. 63,34-64,5)⁵. O apócrifo *Perguntas de Maria*⁶ e outros escritos da época revelam que certos gnósticos admitiam que Madalena era amante, parceira sexual ou esposa carnal de Jesus. Opinião considerada exagerada, a qual vem contestada em *Pistis Sophia*. Esses textos nos colocam, inevitavelmente, na discussão em torno da relação matrimonial entre Jesus e Madalena. A discussão sobre essa temática tem-se ampliado nos últimos decênios. Muitas hipóteses têm sido levantadas. O que dizer de tudo isso? Com certeza, a dúvida vai permanecer para sempre. Dos evangelhos canônicos, decorrem que Jesus estava muito próximo das mulheres, desprezadas pelas correntes machistas da sociedade judaica. Jesus foi humano com elas, mostrou paixão para com Marta e Maria, libertou Madalena da possessão etc. Os evangelhos apócrifos descortinam um Jesus que não só está próximo das mulheres, mas as ama com sua

sexualidade, não necessariamente genital. Para os gnósticos, a união entre o masculino e o feminino era vista em uma esfera espiritual de superação da divisão corpórea. Jesus e Madalena eram vistos como exemplo dessa integração. O beijo entre eles é a expressão desse desejo espiritual. Por isso se diz que o beijo comunicava o saber. Beijo, em hebraico *nashak*, significa ‘comunicar o mesmo sopro, o hálito de vida, e respirar junto’. Um se transformava no outro. Madalena podia transmitir os ensinamentos do Mestre/Amado. O texto até sugere uma relação amorosa, mas não temos como afirmar isso, mesmo que nossa imaginação sugira tal evidência.

Esse modo de explicar o fato do beijo não tem o objetivo de suavizar nossa visão “puritana” e “negativa” do corpo e dizer que o beijo entre eles era simbólico. Outras explicações são possíveis. O que devemos compreender é que, nos apócrifos, Jesus é visto como um homem que ama uma mulher, como todos os homens de seu tempo. Onde está o erro nisso? Jamais Jesus teria proibido essa relação humana e divina. Poderia até ter dito que alguns, para se dedicarem de forma integral ao Reino, optam pela vida sem relação sexual. Não duvido que isso seja possível. Por outro lado, não podemos negar o corpo. A sexualidade está em todos nós. O Eros precisa ser despertado sempre em nossas relações. Jesus soube fazer isso. Não necessariamente de forma genital. Assim, acredito no amor entre Jesus e Madalena. Um amor que integra tudo em todos. Um amor puro e gratuito. Um amor sublime e humano, assim como o amor de Francisco (1182-1226) e Clara de Assis (1193-1253).⁷

REFERÊNCIAS

- ¹ GENO, Pampolini. *Vangelho de Filippo*. La Fatica della Storia; I vangeli apocrifi, Turim: Einaudi, 1990. p. 517.
- ² Cf. *Adv. Haer.* 78,8. Citado por: Sebastiani, Lilian. *Maria Madalena: de personagem do evangelho a mito de pecadora redimida*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 57.
- ³ LÉLOUP, Jean-Ives. *Jesus e Maria Madalena: para os puros, tudo é puro*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 15.
- ⁴ Idem. *Evangelho de Maria: Miriam de Magdala*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 39. p. 18, 7-14.
- ⁵ MÉNARD, Jacques E. *L’Évangile selon Philippe: introduction, texte, traduction et commentaire*. Strasbourg, 1967, p. 67.
- ⁶ PIÑERO, Antonio. *O outro Jesus segundo os evangelhos apócrifos*. São Paulo: Paulus/Mercury, 2003. p. 113.
- ⁷ Cf. o comentário ao Evangelho de Maria Madalena em nosso livro: *As origens apócrifas do cristianismo: comentário aos evangelhos de Maria Madalena e Tomé*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

Frei Jacir de Freitas Faria, OFM

Escritor e mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma
www.bibliaeapocrifos.com.br



Arquivo pessoal



ENTENDENDO A BÍBLIA

Joaquim e Ana acariciando Maria antes de apresentá-la no Templo, século XI, autor desconhecido

CONCEPÇÃO E NASCIMENTO DE MARIA NOS APÓCRIFOS



Nos evangelhos apócrifos, a história de Maria revela-nos dados de nossa piedade mariana popular. Segundo esses evangelhos, Maria nasceu de pai e mãe judeus. Seu nascimento foi marcado pela intervenção de Deus em sua vida e na de seus pais. O pai de Maria chamava-se Joaquim. Ele era um homem rico e muito piedoso. Descendente da Tribo de Judá¹, Joaquim casou-se com Ana, filha de Acar, também de sua tribo, quando tinha vinte anos. Passados outros vinte anos, o casal teve filhos. Ana era considerada estéril.

No "Dia do Senhor", era costume de os filhos de Israel apresentarem suas oferendas. Joaquim, então, foi ao Templo apresentar sua melhor oferta. O sacerdote Rúben postou-se diante de Joaquim e lhe disse: "Não é lícito ser o primeiro a apresentar tuas ofertas, porque não tens descendência em Israel"².

A tristeza abateu-se sobre Joaquim. Ele retirou-se do convívio de sua mulher, Ana, e foi para o deserto, "onde jejuou quarenta dias e quarenta noites, dizendo a si mesmo: 'Não descerei daqui, nem para comer nem para beber, enquanto o Senhor meu Deus não me visitar. A oração me servirá de comida e de bebida'"³.

Ana, por sua vez, lamentava profundamente a ausência do marido. Sentindo-se viúva de marido vivo e sem filho, ela dizia: "Chorei minha viuvez! Chorei minha esterilidade!"⁴ E rezava "Senhor, Deus santíssimo de Israel, não me deste filho, mas por que me tiraste também o marido? Eis que já se passaram cinco meses que não vejo o meu marido. Nem sei se está morto, para que eu possa ao menos lhe dar uma sepultura"⁵. No terreiro de sua casa, viu um ninho com filhotes de passarinhos e implorou a Deus o dom de gerar um filho. Ela prometeu que tal filho ou filha seria consagrado a Deus no Templo.

A prática de consagrar um filho a Deus era comum naquele tempo. Os consagrados, chamados de nazireus, viviam no Templo de

Jerusalém, no tempo estabelecido pela promessa, em uma vida pura, sem cortar os cabelos e tomar vinho (cf. Nm 6,1-21).

ANA CONCEBE MARIA

Depois da oração de Ana, um anjo do Senhor apareceu e lhe disse que sua oração havia sido ouvida por Deus e que ela conceberia e daria à luz e, em toda a terra, sealaria de sua descendência. O mesmo anjo apareceu a Joaquim e lhe disse: "Sabe que de teu sêmen concebeu (Ana) uma filha, e tu a deixaste, ignorando-o. A criança estará no Templo de Deus. Sobre ela repousará o Espírito Santo. Sua bem-aventurança será superior à de todas as mulheres santas. Ninguém poderá dizer que antes dela houve outra igual e, neste mundo, depois dela não haverá outra como ela"⁶.

O anjo, então, pediu a Joaquim que voltasse para sua casa. Joaquim, maravilhado, ofereceu um holocausto a Deus e retornou. Ana o recebeu com alegria. Após lançar-se a seu pescoço, disse: "Agora sei que o Senhor Deus me abençoou largamente. A viúva não é mais viúva e eis que eu, a estéril, concebi em meu seio"⁷. E notícia espalhou-se por todo o Israel.

A CONCEPÇÃO E O DOGMA DA IMACULADA

Nos textos apócrifos, a concepção de Ana é polêmica. Como vimos, os apócrifos usam o verbo conceber no pretérito e no futuro. O Protoevangelho de Tiago relata que o anjo pediu que Joaquim retornasse, pois Ana havia concebido em seu seio. O verbo no passado quer afirmar que Maria foi concebida sem intervenção de Joaquim e de forma miraculosa. O verbo no futuro supõe o relacionamento sexual posterior de Joaquim. Bem, mas Ana já poderia ter engravidado antes mesmo da partida de Joaquim, como supõe o Evangelho do Pseudo-Mateus. ►



A piedade popular mariana conserva no devocionário uma canção, que se tornou muito conhecida: “Oh, Maria, concebida sem pecado original [...]”. Na verdade, essa música tem ligação com a aparição de Maria a Santa Catarina de Labouré (1806-1876), em que se diz: “Ó Maria, concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos a vós”. Isto ocorreu em 1830. Em 8 de dezembro de 1854, o papa Pio IX (1792-1878) declarou o Dogma da Imaculada Conceição, que diz: “A doutrina que sustenta que a beatíssima Virgem Maria foi preservada imune de toda mancha da culpa original no primeiro instante de sua concepção, por singular graça e privilégio de Deus onipotente, em atenção aos méritos de Cristo Jesus Salvador do gênero humano, está revelada por Deus e deve ser, portanto, firme e constantemente crida por todos os fiéis”.

Não podemos ligar necessariamente o pecado original ao relacionamento sexual que nos passa o mal, ao nascermos. Ele é

muito mais que isso. É toda a maldade que está dentro de nós, transmitida de geração em geração. Creio que nascemos em estado de graça pura, sem pecado original. No decorrer da vida, vamos adquirindo a condição de pecador, pois vamos nos dando conta que nossos semelhantes (origem terrena) “estão” pecadores. Assim aconteceu com Maria. Por ser escolhida, ela foi especial também até em seu nascimento. Quando os apócrifos sugerem que Ana concebeu sem a presença de Joaquim, isso foi para dizer que ela era pura, sem pecado. Na vida, Maria também conheceu o erro, se é que queremos chamar isso de pecado. Caso contrário, que mérito teria? Claro que Maria é modelo de santidade. E assim, ela viveu; caso contrário, não seria a mãe de Deus. A exaltação apócrifa e poética mariana, nos textos apresentados neste artigo, querem simplesmente reforçar a fé em Maria, que, desde a concepção, foi escolhida por Deus para revelar seu mistério de encarnação, em Jesus, no meio de nós.

O NASCIMENTO DE MARIA

Depois desses fatos, Joaquim foi ao Templo para fazer sua oferta. Ele sentiu-se consolado por saber que Deus o havia perdoado de todos os seus pecados.

Quando chegou o tempo de Ana dar à luz, Maria nasceu. Alguns manuscritos falam que esse tempo equivale a nove meses, outros, sete meses mais os dois meses que Joaquim ficou longe de Ana, e outro, seis meses. Tal pormenor reforça a ideia da concepção de Ana sem a presença de Joaquim.

Ao dar à luz, conforme Protoevangelho de Tiago (v.2), Ana perguntou para a parteira: “A quem dei à luz?” A parteira respondeu: “Uma filha”. E Ana exclamou: “Hoje minha alma foi enaltecida!” E deitou a criança. Quando se completaram os dias prescritos pela lei, Ana fez as purificações pelo parto, deu o peito à criança e lhe pôs o nome de Maria”⁸.

Na liturgia da Igreja Católica, o dia do nascimento de Maria é celebrado em 8 de setembro. Essa festa, celebrada primeiramente na Igreja do Oriente, foi incorporada ao calendário católico pelo papa Sérgio I (650-701), no século VII.

NOTAS

- ¹ Cf. Protoevangelho de Tiago 1,1; Evangelho do Pseudo-Mateus 1,1, e Livro da Natividade de Maria.
- ² Cf. Protoevangelho de Tiago I, 2. In: RAMOS, Lincoln. *A história do Nascimento de Maria*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- ³ Idem III, 4.
- ⁴ Idem, ibidem II, 1.
- ⁵ Cf. Evangelho do Pseudo-Mateus 2. In: TILLESSE, Caetano Minette. *Extracanônicos do Novo Testamento*. Fortaleza: Nova Jerusalém, 2003. v. 1.
- ⁶ Idem. ibidem.
- ⁷ Cf. Proto-Evangelho de Tiago 4,4.
- ⁸ A história completa de Maria nos apócrifos encontra-se em nosso livro: *História de Maria, mãe e apóstola de seu filho, nos evangelhos apócrifos*. Petrópolis: Vozes, 2006.

Frei Jacir de Freitas Faria, OFM

Escritor e mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma
www.bibliapocricos.com.br



Arquivo pessoal



O SENTIDO DO MILAGRE NA BÍBLIA

À espera de um milagre foi um notável filme do final da década de 1990, no qual é narrado o drama de um prisioneiro negro acusado de matar duas crianças brancas nos idos de 1935, em Louisiana (Estados Unidos).¹ O chefe da prisão, interpretado por Tom Hanks, vive um conflito moral. Ele tem de executar a sentença de morte do prisioneiro (protagonizado pelo saudoso Michael Duncan). Este se revela dotado de um

dom, o de fazer milagres. O filme termina com ele na cadeira elétrica, morrendo sob os olhares irados de seus acusadores em contraposição ao olhar misericordioso do chefe da prisão, que não foi capaz de realizar o milagre de libertação de um homem acusado injustamente.

À espera de um milagre ainda permanece vivo no imaginário de muitas pessoas. E se Jesus voltasse? E se eu ganhasse sozinho na Megassena? Há quem deseje que um milagre aconteça



em sua vida, algo extraordinário para modificar o seu destino.

O que é isso: milagre? Ele ainda acontece em nossos dias? Não foi somente Jesus que realizou milagres? Que relação existe entre o milagre e a ciência? Como Deus age em um milagre realizado por Jesus? Qual é a relação dos milagres realizados por Jesus com o Reino de Deus, com a missão dos apóstolos e a nossa? Como os contemporâneos de Jesus entendiam o milagre? Como nós entendemos um milagre?

SIGNIFICADO DE MILAGRE

Milagre (forma literária específica que demonstra o lado divino e messiânico da pessoa de Jesus no anúncio do Reino de Deus) não é propriedade exclusiva do Segundo Testamento. Ele provém do mundo helenístico, sendo adotado pelo judaísmo e pelo cristianismo, sobretudo. No Primeiro Testamento, por vezes é dito que Deus age por meio de prodígios (milagres) em favor de Seu povo. A memória da libertação do Egito é descrita nos salmos e profetas como um grande milagre. Fatos extraordinários e curas também não faltam no Primeiro Testamento. ▶

No Segundo Testamento, o milagre ocupa o lugar das lendas proféticas do Primeiro. Em Atos dos Apóstolos, são os discípulos que realizam milagres em nome de Jesus.² Notório também é o fato de os milagres de Elias serem repetidos por Eliseu e, posteriormente, por Jesus.

EXEMPLOS DE MILAGRES NA BÍBLIA

- 1) Js 10,12-14: Josué intervém e pede que Deus pare o sol, em Gabaão, e a lua, no Vale de Ayalon, o que, de fato, ocorre;
- 2) Jz 6,36-40: o pelego (ou velo) de Gedeão permanece seco debaixo do sereno;
- 3) 1 Sm 1: Ana, a estéril, concebe Samuel, aquele que se tornaria profeta e último dos juízes;
- 4) 1 Rs 17,17-24: o profeta Elias ressuscita o filho de uma viúva;
- 5) 2 Rs 5,1-20: o profeta Eliseu cura a lepra de Naamã, chefe do exército de Aram;
- 6) Dn 3: três jovens e devotos judeus, após serem acusados de não adorar a estátua de ouro erigida por Nabucodonosor, rei da Babilônia, são jogados em uma fornalha e salvos sem se queimar;
- 7) Mt 8,1-4: Jesus cura um leproso;
- 8) Mt 8,5-11: Jesus cura o servo de um centurião;
- 9) Mt 8,14-15: Jesus cura a sogra de Pedro;
- 10) Mt 8,16-17: Jesus expulsa espíritos e cura enfermos;
- 11) Mt 8,23-27: Jesus acalma a tempestade;
- 12) Mt 8,28-34: Jesus expulsa espíritos de dois endemoninhados e os coloca em uma manada de porcos, em Gerasa;
- 13) Mt 9,1-8: Jesus cura um paralítico;
- 14) Mt 9,18-26: Jesus cura uma hemorrágica e ressuscita a filha de um chefe;
- 15) Mt 9,27-31: Jesus cura dois cegos;
- 16) Mt 9,32-34: Jesus expulsa o demônio de um endemoninhado mudo;
- 17) Mt 14,13-21: Jesus multiplica cinco pães e dois peixes, modificando a natureza dessas substâncias;
- 18) Mc 1,23-27: Jesus expulsa um espírito mau;
- 19) Mc 1,29-31: Jesus cura a sogra de Pedro de uma febre;
- 20) Mc 3,1-6: Jesus cura um homem cuja mão estava paralisada;

- 21) Mc 5,1-20: em Gerasa, Jesus expulsa o demônio de um homem que vivia em meio a sepulcros;
- 22) Lc 8,22-25: Jesus acalma a natureza, diante de uma tempestade que caía sobre Ele e os discípulos, quando estavam em um barco;
- 23) Lc 8,49-56: Jesus ressuscita a filha de Jairo, chefe da sinagoga;
- 24) Lc 17,11-19: Jesus cura dez leprosos;
- 25) Jo 2,1-11: Jesus intervém na natureza, mudando água em vinho;
- 26) Jo 11,38-44: Jesus ressuscita seu amigo Lázaro, em Betânia;
- 27) At 5,12-16: os apóstolos curam enfermos e endemoninhados;
- 28) At 9,36-43: Pedro ressuscita Tabita, uma discípula devotada aos pobres.³

Os exemplos de milagres apresentados demonstram que Deus intervém na natureza, mudando o seu curso natural: Ele para o sol, não deixa o fogo queimar pessoas que estão em contato com Ele e permite que a estéril conceba.

Jesus, por ser Enviado de Deus, também muda a natureza de substâncias e elementos: multiplica pães, transforma água em vinho, acalma o mar bravio, bem como ressuscita pessoas, cura enfermidades, expulsa demônios. Os apóstolos, por serem discípulos de Jesus, recebem d'Ele o poder miraculoso de curar, ressuscitar e expulsar demônios, assim como já haviam feito os profetas da Primeira Aliança: Elias e Eliseu.

DIFERENÇA ENTRE MILAGRES PARA OS ANTIGOS E PARA NÓS

Para compreender a diferença na concepção de milagres no mundo antigo e hoje, retomemos a nossa definição de milagre (vocabulo latino *miraculu*), do qual provêm os verbos admirar e maravilhar-se. Quem, no

mundo antigo, não se maravilharia diante de tais acontecimentos? Mas, hoje, isso ainda é possível? A ciência evoluiu tanto que ela também cura, prevê mudanças no curso dos acontecimentos, explicando a origem de muitos males. Levando em consideração essas afirmações, hoje não ocorrem mais milagres. O xis da questão, no entanto, consiste em entender qual é o significado do milagre para o mundo antigo e para nós, os pós-modernos.

Na Antiguidade e até a Idade Média, o mundo era compreendido em três andares, a Terra era apoiada por colunas e estabelecida sobre as águas inferiores e abaixo das águas superiores. Acima das águas superiores, viviam os deuses e seres celestes. Nas inferiores, viviam, por outro lado, os poderes diabólicos e os mortos em uma mansão, chamada de *Hades* ou *Xeol*.⁴

Os poderes bons de Deus e os maus espíritos sempre interferiam na vida humana. Isso era considerado normal por todos. Deus e deuses podiam intervir quando julgassem necessário.

Para o israelita, essa visão foi mudando. Antes de o povo de Israel passar a ter uma relação privilegiada com Deus-Javé na sua história, a relação com o sagrado se dava por meio da natureza, a qual era vista como uma constante ameaça. Não alcançando o domínio da natureza, o ser humano via-se no meio de uma angústia existencial. Para se proteger, vivia seguindo os ciclos da natureza, ora divinizando-a, ora cultuando os deuses bons, a fim de que eles pudessem manter a ordem e a vida humana. Nesse sentido, não somente em Israel, surgem vários mitos da criação. O deus bom vence as forças caóticas e impõe a ordem e o ritmo da criação.

Diante do exposto anteriormente, podemos compreender a diferença fundamental entre milagre para nós hoje e para

Os milagres realizados por Jesus são sinais visíveis da ação e da experiência de Deus na vida daqueles que estavam próximos d'Ele. Isso é um milagre! O extraordinário é consequência e não o mais importante. Já os milagres do Primeiro Testamento e sua relação com os do Segundo só podem ser compreendidos a partir de uma diferença fundamental: em Jesus, Deus realiza de forma plena e definitiva a Sua ação salvífica em favor do ser humano

os antigos. Milagre na Antiguidade consistia na experiência do divino. “Havia um acontecimento em que o elemento divino se manifestava mais fortemente do que em outros, e onde os pontos de vista da normalidade e da excepcionalidade podiam desempenhar certo papel, mas este não era o único elemento decisivo. Para classificar algum fato como milagre, não se tratava, em primeira linha, de determinar o seu caráter extraordinário, nem mesmo o grau exato do que seria possível ou impossível em termos humanos, mas sim de sentir a presença e a ação da divindade e de seus poderes muito mais intensamente do que em outras ocasiões”.⁵

Em outras palavras, o caráter excepcional e a ação de Deus constituem a evidência de um milagre. No entanto, para nós, pesa muito mais a excepcionalidade, o extraordinário ocorrido em determinado fato e, não necessariamente, a ação de Deus. Para os antigos, Deus intervir na natureza era normal. Para os modernos, toda a ação da natureza é previsível e controlável. Para os antigos, a presença e a manifestação da divindade em

acontecimento é o que caracteriza um milagre. Vamos compreender melhor tudo isso, quando analisarmos os milagres de Jesus. Ele não se dizia Deus, mas não cansava de admoestar: “Ide contar a João o que estais vendo e ouvindo: os cegos recuperam a vista, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e aos pobres é anunciado o Evangelho” (Lc 7,22); “Vai mostrar-te ao sacerdote” (Mt 8,4b).

OS MILAGRES DE JESUS

Os milagres realizados por Jesus são sinais visíveis da ação e da experiência de

Deus na vida daqueles que estavam próximos d’Ele. Isso é um milagre! O extraordinário é consequência e não o mais importante. Já os milagres do Primeiro Testamento e sua relação com os do Segundo só podem ser compreendidos a partir de uma diferença fundamental: em Jesus, Deus realiza de forma plena e definitiva a Sua ação salvífica em favor do ser humano. A ressurreição e glorificação de Cristo é a resposta irrevogável e definitiva de Deus. A consumação do ser humano e de sua história já se realizou, germinalmente, em Cristo, e a vitória definitiva sobre todas as forças que ameaçavam a vida, vitória da qual a ação de Jesus foi sinal, já aconteceu.⁶ Desse modo, essa visão do Segundo Testamento acrescenta um elemento novo ao sentido do milagre: Deus age na história e realiza definitivamente a Salvação em Jesus, já que, no mundo antigo, como vimos, o milagre se pautava pela ação do divino.

NOTAS

¹ SABOYA, Marysa Mourão (Org.). *Prosseguir o caminho com as comunidades judaico-cristãs: uma leitura do Evangelho de Mateus feita pelo Cebi-MG*. São Leopoldo: Oikos-Cebi, 2014. p. 54-58.

² DA SILVA, Cássio Murilo Dias. *Leia a Bíblia como literatura*. São Paulo: Loyola, 2007. p. 47.

³ Outros exemplos e citações de milagres na Bíblia são: Jó 9,8; Mt 12,10-12.22-32; Mc 1,40-45; 2,1-12; 3,1-6; 5,21-43; 11,14-23; Lc 7,11-17; 11,14-23; 13,10-17; 14,1-6; Jo 6,16-21; At 3,1-10; 4,31; 5,1-11.17-21; 9,32-43; 12,1-19; 16,26; Ap 11,11; 16.

⁴ Para compreender a diferença entre inferno e infernos que decorre dessa visão do mundo inferior, veja nosso livro: *O outro Pedro e a outra Madalena segundo os apócrifos*. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 81-87.

⁵ WEISER, Alfons. *O que é o milagre na Bíblia: para você entender os relatos dos Evangelhos*. São Paulo: Paulinas, 1978. p. 16-17.

⁶ Idem, p. 21.

Frei Jacir de Freitas Faria, OFM

Escritor e mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma
www.bibliaeapocrifos.com.br



Arquivo pessoal



Evangelho de Mateus

MILAGRES

DE INTERVENÇÃO NA NATUREZA, RESSURREIÇÃO E EXORCISMO

Em Mateus 8-10, somente um milagre em relação à natureza é relatado: o da tempestade acalmada (Mt 8,23-27).¹ Trata-se do sétimo milagre de Jesus, em uma sequência de dez. Ele entra em um barco com os discípulos e, enquanto dormia, o mar ficou revoltado. Os discípulos, apavorados, acordam-no e Lhe imploram a salvação, pois estavam perecendo. Jesus afirma que eles têm medo, pois são fracos na fé. Então, em pé, conjura os ventos

e o mar. A bonança volta a reinar. Os discípulos perguntam-se sobre o poder de Jesus, uma vez que até os ventos e o mar Lhe obedecem.

O contexto é o mar, lugar de pavor e medo. Os antigos, como não tinham domínio sobre o mar, pensavam que vinha dele o Leviatã, a força do mal. Por isso, Jesus trava uma luta de poder com essa força representada pelo mar. De pé, isto é, com o poder de ressuscitado, Ele conjura os ventos e o mar, os quais Lhe obedecem. Nisso está o



fúnebres já estavam sendo realizados. Jesus pede que todos saiam e afirma que a menina estava apenas dormindo, não morta. Ele entra na casa, toma a menina pela mão e ela se levanta. E a notícia se espalha por toda a região. Mais uma vez, a fé é o fator preponderante para a realização do milagre. Para quem crê, a morte é apenas um sono.² Quem adere ao projeto de Jesus não está morto, mas sempre em pé e caminhando.

MILAGRES DE EXORCISMO – DOIS POSSESSOS DE GADARA E UM ENDEMONINHADO MUDO

Em Mateus 8,28-33 e 9,32-34, Jesus realiza, três vezes, o exorcismo em favor das pessoas sofridas que eram atormentadas por espíritos e viviam isoladas da sociedade. O nono e o décimo milagres de Jesus referem-se ao exorcismo ou ao milagre da expulsão de demônios. Jesus estava na cidade de Gadara, quando vêm a Seu encontro dois endemoninhados que saíam dos túmulos. Eles reconhecem Jesus e Seu poder de expulsar os demônios. Esses homens diziam: “Que queres de nós, Filho de Deus? Vieste nos atormentar antes do tempo?” E pediram que Jesus, caso fosse expulsá-los, os colocasse na manada de porcos. E assim Ele procede. Os porcos atiraram-se de um precipício no mar e morreram afogados. Aqueles que apascentavam os porcos fugiram e contaram tudo aos compatriotas. A cidade inteira foi ao encontro de Jesus e exigiu que Ele deixasse o território. Em outra ocasião, trouxeram-Lhe um endemoninhado mudo. Jesus expulsou o demônio e o ex-possesso voltou a falar. A multidão que presenciou o fato se pôs a dizer: “Nunca se viu coisa semelhante em Israel”. Já os fariseus afirmaram que Ele fazia isso por meio do príncipe dos demônios.

Nos dois episódios, há alguns detalhes importantes: a multidão que não acredita e pede que Jesus saia de seu país está em contraposição ►

milagre: Deus, que criou o mar, tem poder sobre ele. Jesus age como Deus salvador, atendendo ao pedido dos discípulos. No mar da vida, encontramos muitas dificuldades. Sem fé podemos afundar, mas quem crê está salvo. O barco é a comunidade, que sofre tormentos de todos os lados, mas que precisa ter fé. Dessa comunidade, fazem parte os discípulos que entram no barco com Jesus e também os ‘homens’ (v. 27) – seres humanos –, que ficam espantados com a atitude de Jesus.

MILAGRE DE RESSURREIÇÃO – JESUS RESSUSCITA A FILHA DE JAIRÓ

Em Mateus 8,10, o único milagre de ressurreição é realizado em favor de uma menina. É o oitavo milagre de Jesus (cf. Mt 9,18-26). Um chefe da sinagoga, chamado Jairo (cf. Mc 5,22), prostra-se aos pés de Jesus e Lhe pede que imponha a mão sobre a filha que acabara de morrer, de modo que ela pudesse voltar a viver. Jesus acompanha-o até sua casa. Os ritos

à multidão que reconhece que em Israel nunca havia acontecido coisa semelhante; dois endemoninhados que reconhecem com a Palavra que Jesus é o Filho de Deus, e outro que era mudo. Vale citar que Gadara ficava cerca de nove quilômetros do Mar da Galileia; logo, era quase impossível os porcos fazerem uma corrida tão longa. Para os judeus, esses animais representam a impureza e o mar, o lugar do mal. Assim, faz sentido os porcos terem se precipitado no mar. Impuro procura o lugar dos impuros. Havia também o costume de identificar o Império Romano com os porcos, por serem ambos impuros. Porcos morrendo no mar era o que a resistência judaica esperava que acontecesse com os opressores.³

Os demônios expulsos em Gadara sabiam que eles seriam julgados no fim dos tempos, mas reconhecem que, com a presença do Filho de Deus na Terra, isso iria acontecer naquele momento. O exorcismo de Jesus anteciparia a vitória final. Os endemoninhados viviam no mais completo abandono da sociedade. Os dois de Gadara viviam entre os túmulos, onde estão os mortos, longe da vida. O milagre do exorcismo não reside no extraordinário da expulsão do espírito mau, mas no fato da reaproximação dos desprezados da sociedade, chamados de endemoninhados, para o convívio e a participação no reino pregado por Jesus. No caso, os espíritos que estavam neles saíram e foram para o mar, de onde nunca deveriam ter saído. Desse modo, ambos voltaram a viver na sociedade. Já o endemoninhado mudo volta a ter o direito de opinar, de poder falar.

Jesus assemelha-se com os exorcistas de seu tempo. No entanto, Ele tinha, em relação a eles, uma diferença essencial: não fazia uso de objetos, nem de amuletos, nem invocava uma divindade para expulsar os demônios. A força de Sua palavra e de Sua presença expulsava os maus espíritos. Jesus destrói a identidade demoníaca da pessoa e reconstrói nela uma nova identidade, transmitindo-lhe a força que cura.⁴ Nisso reside o sentido do milagre da expulsão de “demônios”.

MILAGRE – SINAL DE AUTORIDADE E IDENTIDADE DE JESUS

Os milagres presentes no evangelho de Mateus, entendidos em seu contexto, demonstram que tais acontecimentos não se tratam simplesmente de fatos extraordinários, mas da ação de Deus que modifica a realidade. O foco está em Deus, não no milagre em si. Jesus tinha consciência da importância de expulsar espíritos, de curar enfermos, de intervir na natureza e de ressuscitar mortos. Esses milagres demonstravam Sua identidade de Filho de Deus com poder recebido do Pai para anunciar o Reino, que exclui o sofrimento e a desgraça como condição de vida estabelecida, e propõe a misericórdia como caminho para a vitória final. As curas realizadas por Jesus são sinal de misericórdia, de acolhimento e, não necessariamente,

de expressão de Seu poder. Jesus não fazia milagres a bel-prazer, mas somente quando alguém, de fé, solicitava a Sua intervenção.

NOTAS

¹ SABOYA, Marysa Mourão (Org.). *Prosseguir o caminho com as comunidades judaico-cristãs: uma leitura do evangelho de Mateus feita pelo Cebi-MG*. São Leopoldo: Oikos; Minas Gerais: Cebi, 2014. p. 58-63.

² PIKAZA, Javier. *A teologia de Mateus*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 59.

³ PAGOLA, José Antônio. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 208.

⁴ *Ibidem*, p. 209-210.

Frei Jacir de Freitas Faria, OFM

Escritor e mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma
www.bibliaeapocrifos.com.br



Arquivo pessoal



A filha de Jairo, 1996, Daniel Bonnell



ENTENDENDO A BÍBLIA

EVANGELHOS APÓCRIFOS MARIANOS

(Parte 2)

A história de Maria é contada em nada menos que dezesseis evangelhos apócrifos. Dando continuidade ao artigo anterior, apresentamos os outros evangelhos apócrifos que mencionam Maria.

EVANGELHO SECRETO DA VIRGEM MARIA

A história deste apócrifo está ligada à espanhola Etéria, que ficou famosa no final do século IV e início do V, ao desafiar sua época, fazendo uma peregrinação à Terra Santa. Ela escreveu, em latim, o *Itinerarium Egeriae*, contendo suas impressões de viagem. Este livro foi muito difundido na época, mas ela acabou perdendo os originais, quando o mosteiro onde vivia foi destruído. Alguns manuscritos da obra de Etéria, que haviam sido distribuídos em outras partes da Europa, foram conservados. Em 1884, um deles foi encontrado na Itália. Outro, mais recentemente no Principado das Astúrias (Espanha). O que chama a atenção é que Etéria teria colocado como apêndice a sua obra original o Evangelho apócrifo da Virgem Maria, que recebeu de presente, em Belém, de um monge grego, companheiro de São Jerônimo (347-420). Tal apócrifo teria sido citado por alguns padres primitivos da Igreja, sem mesmo terem a certeza de sua existência. O texto já estava traduzido para o latim. Etéria também duvidou da veracidade do livro, mas resolveu divulgá-lo por acreditar que se trataria de uma obra de piedade e grande proveito espiritual. Posteriormente, esse texto apócrifo foi extraído da obra de Etéria por monges. Trata-se um livro que apresenta a história de Maria como mãe. Ela narra para João Evangelista (10-103) sua história de mãe, sua relação com o filho, Jesus, e sua experiência de Deus. Suas palavras são carregadas de poesia e de ternura de mãe para com seu filho, homem e Deus, expressão máxima do amor divino e de Maria, Sua mãe, que d'Ele se tornou apóstola. O conteúdo literário do Evangelho apócrifo

da Virgem Maria indica-nos que se trata, possivelmente, de uma obra da Idade Média ou ainda, posterior, quando a devoção mariana estava em pleno vigor. A ligação desse livro com o escrito da peregrina Etéria, se é que, de fato ocorreu, é meramente patronímico.

EVANGELHO DE GAMALIEL

Desse evangelho temos um manuscrito do século V. O original seria anterior a isso. Sua autoria é atribuída a Gamaliel (?-50), doutor da Lei, mestre de Paulo (5-67) e convertido ao cristianismo. O tema tratado é a Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus, com destaque para Maria, que tem papel fundamental nos últimos acontecimentos da vida e morte d'Ele. João roga a Maria, chamada de Virgem, em favor de Pedro (1 a.C.-67 d.C.), que havia negado Jesus. Quando Jesus morre, o povo chora. Pôncio Pilatos (?-37) e o capitão romano se entristecem. Maria chora por não poder ir ao túmulo. Os sacerdotes romanos ficam tristes com a ressurreição de Jesus. Maria encontra-se com Jesus ressuscitado, que a conforta e a envia para dar a notícia aos apóstolos. Ele aparece a Pilatos e o conforta. Ele interroga os soldados. Diante do tumulto vazio e as faixas, Pilatos converte-se ao cristianismo e manda saquear as sinagogas.

EVANGELHO ÁRABE DA INFÂNCIA

Datado no início do século VI, esse evangelho é a leitura do mundo árabe sobre Maria. Além das peripécias e dos milagres do Menino Jesus no Egito, a narrativa apresenta outros elementos da vida mariana, sobretudo seu papel de mediadora. Jesus afirma ser o Filho de Deus e o Verbo concebido conforme o anúncio do anjo Gabriel. Maria é chamada de virgem.

EVANGELHO ARMÊNIO DA INFÂNCIA

Esse apócrifo do século VI traz pormenores da concepção de Maria.

No conteúdo, menciona-se que ela concebeu do Espírito Santo pela oração. Maria é considerada a nova Eva, a nova mãe da humanidade. É Eva mesma quem dá a notícia a Salomé: "Te dou uma boa e feliz notícia: uma terna donzela acaba de trazer um filho ao mundo sem ter conhecido varão algum" (9,3). Também são relatados o nascimento de Jesus, a visita dos magos e a reação de Herodes. Jesus menino faz travessuras. O evangelho termina com um diálogo entre Jesus e dois soldados sobre a Sua origem e de Deus.

MULHERES NO TÚMULO E APARIÇÃO A MARIA

Trata-se de dois fragmentos de textos escritos em língua copta, com o caráter eminentemente litúrgico, narrando a ida das mulheres ao túmulo e a aparição de Jesus ressuscitado a Maria. Sua autoria é difícil de ser indicada. A datação é provavelmente do século V ao VII.

Livro de São João, arcebispo de Tessalônica, datado do ano 610: ele está organizado em forma de homília e tem como objetivo levar aos moradores de Tessalônica, diocese do arcebispo São João, a celebrar a festa da Assunção de Maria, sem os exageros propostos em outros livros. Esse livro exerceu muita influência na devoção mariana nos séculos subsequentes, sobretudo na Idade Média.

TRÂNSITO DA BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA, DO PSEUDO JOSÉ DE ARIMATEIA

Esse livro, atribuído erroneamente a José de Arimateia, relata a morte e a assunção de Maria. Os códices usados para o texto são dos séculos XIII e XIV. Trata-se de um livro apócrifo bem recente. Na narrativa, Maria chama a atenção de João por tê-la abandonado, apesar de Jesus ter lhe pedido para cuidar dela. O texto conta também a Assunção de Maria. Destaca-se a figura de Tomé ►



(?-72), que não presenciou a morte de Maria, chegando somente no momento da assunção, vista por ele no Monte das Oliveiras. No sepulcro, ele, depois, desafia os companheiros apóstolos, dizendo que Maria não estava no sepulcro. Mais uma vez, sua incredulidade é testada. Esse apócrifo contribuiu sobremaneira para o incremento, na Idade Média, na devoção a Maria, mãe e intercessora junto a Jesus para a humanidade.

CONCLUSÃO

O retrato de Maria que emerge dos evangelhos apócrifos é o de uma mulher preciosa, mãe e apóstola de seu Filho. Mulher liderança. Mulher mãe de um filho especial. Mulher ternura. Mulher escolhida por Deus para ser a mãe de seu Filho. Mulher reconduzida pelo Filho à morada de Deus. Mulher pura, sem pecado, santa e consagrada a Deus. Diante da postura negativa em relação à mulher, o cristianismo apócrifo e o

hegemônico fomentaram a devoção mariana, apresentando-a como mulher pura, virgem e santa. Os apócrifos são mais contundentes que os canônicos, ao defenderem sua virgindade antes, durante e depois do parto. Maria foi o modelo de mulher, que manteve a virgindade durante toda a sua vida. O próprio marido, José, encarregou-se de conservar essa castidade.

Várias tradições populares e catequéticas sobre Maria aparecem nos apócrifos, tais como: coroação de Maria; a palma de Nossa Senhora; a Assunção de Maria; a virgindade de Maria; a consagração a Maria; sua vida em Nazaré; os nomes de seus pais, Joaquim e Ana; a vara do idoso José que floresceu ao ser escolhido para ser seu marido; a dormição e não morte de Virgem Maria; a viagem de Maria, José e o Menino Jesus para o Egito; a presença de Maria aos pés de Jesus quando Ele morre. Daí a devoção a Nossa Senhora da Boa Morte, cantada nas irmandades que levam esse mesmo

nome. A tradição apócrifa mariana conservou o lado mãe de Maria, sua virgindade perpétua e seu apostolado, mas também e, infelizmente, a resignação. Assim como Maria sofreu, as mulheres devem suportar seu sofrimento.

Maria é a Virgem, Nossa Senhora e Senhora mãe de Deus e de nossa salvação, que é o Senhor Jesus Cristo. Sendo assunta aos céus, ela foi a primeira mortal que ressuscitou e, com isso, todo cristão tem a certeza de que também ressuscitará. Vários dogmas da Igreja Católica buscaram inspiração na tradição apócrifa. Podemos enumerar vários deles, como: Virgindade de Maria, Imaculada Conceição, Assunção de Maria. É também de origem apócrifa* a profissão de fé de que, depois de crucificado, morto e sepultado, Cristo desceu à mansão dos mortos. Um dogma de fé para ser declarado, primeiro é transmitido oralmente por muito tempo, isto é, suficientemente manifestado. A Igreja Católica simplesmente confirma a tradição de tal devoção como “verdade de fé revelada por Deus” e que pode ser seguida como doutrina. O interessante nessa questão é que a Igreja rejeitou os apócrifos, mas fez uso de muitos de seus ensinamentos nos dogmas e na tradição de fé. Com belíssimas narrativas literárias sobre Maria, os primeiros séculos do cristianismo imprimiram uma devoção a ela, que perdura em nossos dias na Igreja oficial e na religiosidade popular. A devoção popular criou uma piedade mariana, que foi além da orientação do cristianismo hegemônico.

NOTA

* Cf. nosso comentário ao apócrifo que trata desse tema em: *O outro Pedro e a outra Madalena segundo os apócrifos: uma leitura de gênero*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 76-102.

Frei Jacir de Freitas Faria, OFM

Escritor e mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma
www.bibliaeapocrifos.com.br



Arquivo pessoal



Evangelho de Mateus

DISCURSO DA MISSÃO

DOZE DISCÍPULOS ESCOLHIDOS E ENVIADOS COMO MISSIONÁRIOS DO REINO



envio em missão dos doze discípulos em Mateus 10,1-42 é sustentado pela força dos milagres realizados por Jesus. Missão é um substantivo originário do latim (*mittere*) e significa 'enviar'.¹ Daí *missus* (particípio passado de *mittere*), que quer dizer 'enviado'. Jesus escolhe e envia discípulos. A comunidade que tem como patrono o apóstolo Mateus dá um destaque especial ao chamamento. Ele, que era um pecador público, um cobrador de impostos, é visto por Jesus exercendo seu trabalho, sendo chamado por Ele ao discipulado.

"Segue-me!" (Mt 9,9), diz-lhe o Mestre. Sendo questionado pelos fariseus sobre o motivo pelo qual Ele se acercava de publicanos e pecadores, Jesus responde que o Seu chamado é para pecadores e não para justos, e que Ele veio trazer misericórdia e não sacrifício (cf. Mt 9,10-13).

JESUS ENVIA OS DOZE EM MISSÃO E LHE DÁ SUA MESMA AUTORIDADE (cf. MT 10,1-16)

Após os relatos dos dez milagres, a comunidade de Mateus enumerou os nomes dos doze apóstolos escolhidos por Jesus e enviados por Ele com a mesma autoridade de realizar curas e milagres (cf. Mt 10,1-4). Em seguida (cf. Mt 10,5-16), a comunidade lembrou as recomendações que o Mestre lhe havia feito. São elas:

- a) não ir aos gentios nem entrar na cidade dos samaritanos;
- b) ir ao encontro das ovelhas perdidas da casa de Israel;

- c) proclamar que o Reino está próximo;
- d) curar os doentes;
- e) ressuscitar os mortos;
- f) purificar os leprosos;
- g) expulsar os demônios;
- h) ir de modo simples, sem ouro, sem prata, entre outros exemplos. E não receber salário pelo serviço;
- i) levar a paz às casas e às cidades;
- j) ser prudente como as serpentes e sem malícia como as pombas.

São dez recomendações importantes para o trabalho evangelizador e missionário. Os milagres que Jesus fazia poderiam também ser realizados pelos

apóstolos. A comunidade entende que a missão é voltada para a casa de Israel, os destinatários da eleição divina. Isso será mudado posteriormente. Proclamar o Reino, a paz e ser prudente e manso fazem parte da missão que parece ser simples, mas não é. Ela tem consequências e atitudes que exigem muito do escolhido.

TER CONSCIÊNCIA DA PERSEGUIÇÃO (cf. Mt 10,17-25)

A perseguição é a consequência natural na vida de um missionário. Por causa da palavra anunciada, os discípulos serão levados aos tribunais, mas Jesus garante ►



Cristo pregando, 1892, Enrique Simonet

que o Espírito do Pai falará por cada um, sendo o Seu defensor. O discípulo é odiado por causa do nome de Jesus, mas ele deve perseverar na fé até o fim, para encontrar a Salvação. Caso uma cidade persiga o discípulo, ele deve ir para outra localidade, mas nunca desistir de percorrer as cidades de Israel, preparando a vinda do Filho do Homem. O discípulo não pode ser superior ao mestre.

NÃO TER MEDO E FALAR ABERTAMENTE (cf. Mt 10,26-33)

O discípulo é convocado a não ter medo de nada, falar abertamente, proclamar à luz do dia e sobre os telhados. Não temer os que matam o corpo, mas não podem matar a alma. Deus tudo vê e de tudo cuida e dispõe. Quem se declarar diante dos homens por Jesus, Ele mesmo o defenderá diante do Pai no Juízo Final, mas, se agir de modo contrário, não terá a Sua defesa.

O ENSINAMENTO DE JESUS TRAZ A ESPADA E NÃO A PAZ (cf. Mt 10,34-36)

A consequência lógica dos fatos de não ter medo e falar abertamente é situação de discórdia criada entre as pessoas, sobretudo entre familiares, os quais se tornam inimigos do apóstolo do Evangelho. O ensinamento de Jesus traz divisões, espada, e não paz.

RENUNCIAR À FAMÍLIA E TOMAR A CRUZ (cf. Mt 10,37-39)

A lógica do caminho missionário proposto por Jesus soa um tanto absurda: é preciso odiar pai, mãe, esposa, filhos, irmãos, irmãs e a própria vida; carregar a própria cruz; renunciar a tudo que possui; perder a vida por causa d'Ele para encontrá-la. Não amar pai, mãe e filhos mais que a Jesus. Tomar a própria cruz e sair em missão. Em relação ao amor familiar, a comunidade de Lucas (cf. Lc 14,26) acrescentou o verbo 'odiar', o qual não pode ser entendido como rejeição aos pais, à mulher e aos filhos. Um judeu nunca ensinaria ódio aos familiares, base de sua vida e de sua fé. Ódio aqui significa

ter de demonstrar mais dedicação a um, em detrimento do outro. O discípulo terá de fazer opção no seguimento, ser desapegado de tudo, por causa de Jesus. A comunidade de Mateus explicou isso muito bem, quando usou o comparativo 'amar mais' (cf. Mt 10,37).

Nessa mesma linha de pensamento, está a ação de carregar a própria cruz, que pode significar o martírio e os sofrimentos advindos da cruz pesada da vida. Até nisso, o discípulo tem de ter clareza no seguimento. A lógica da cruz, não como sofrimento resignado, mas como motivação para a busca da vida para todos, faz parte do projeto missionário do Reino. Jesus não morreu na cruz porque quis, mas como consequência de Sua ação. Deus não preparou a cruz para Jesus. Pena que o cristianismo, historicamente, identificou a cruz com o sofrimento e anunciou mais o Jesus morto que o Ressuscitado. A cruz no fim do caminho, entendida como redentora, exige do discípulo não ter onde reclinar a cabeça (cf. Mt 8,20) e até mesmo

ter de deixar que os mortos enterrem seus mortos (cf. Mt 8,21-22).

A COMUNIDADE CONCLUI O DISCURSO DA MISSÃO (cf. Mt 10,40-42)

O discurso apostólico da comunidade de Mateus termina dizendo que quem acolhe a proposta de Jesus está acolhendo Deus, o Pai, em sua vida. Quem acolhe o discípulo, o missionário enviado por ele, seja como profeta, seja como justo, seja até alguém desejoso somente de um copo de água fria, receberá a recompensa divina (cf. Mt 10,40-42).

"A IGREJA DEVE SAIR DA SACRISTIA."

A missão evangelizadora proposta por Jesus continua como desafio para nós, cristãos. O papa Francisco (1936-) não se



cansa de dizer que a Igreja deve sair da sacristia, ir para as ruas. Deixar de lado a ostentação, a badalação e ir ao encontro do pobre e do sofrido. Aliviar o sofrimento é anunciar que o Reino já chegou. Jesus sabia que não seria capaz de aliviar todo o sofrimento humano, mas tinha consciência de que a Sua ação libertadora transforma as pessoas e inaugura o Reino. E esse é o papel do missionário. O missionário há de se perguntar sempre: como ser testemunha da fé para aqueles que nunca ouviram falar de Jesus? É possível ser missionário para aqueles que já se dizem cristãos, mas que não vivem conforme o Evangelho? Que relação existe entre justiça e missão? Como agir com misericórdia no trabalho missionário? Quem são os missionários de hoje? Onde eles vivem? A essas duas últimas perguntas, uns poderão responder: "Conheço um padre que veio para o Brasil como missionário". Outros ainda dirão: "Lugar de missão é na África".

Em um passado longínquo, a Igreja Católica enviou missionários além-mar, para levar a fé e a salvação anunciada por Jesus. Nosso país é fruto dessa intrépida ação que chegou às terras brasileiras com a cruz e a espada. Com o Evangelho a bordo, o que desembarcava mesmo era a cultura cristã europeia. Por outro lado, é difícil desvencilhar uma da outra. Aos nativos restava uma única opção: aceitar ou aceitar a fé e a cultura dos missionários. Quando os nossos indígenas já estavam massacrados, os negros foram trazidos da África para trabalharem e serem domesticados na fé do Novo Mundo. O princípio missionário, o combustível que movia os evangelizadores, era a certeza de que a semente do Verbo não estava presente nas culturas dominadas.

Em nossos dias, esse modo de evangelizar não é mais compatível. É consenso que toda cultura tem de ser valorizada. Além disso, evangelização é via de mão

dupla: deve haver espaço para dar e receber, cultivando um diálogo inter-religioso. Todas as comunidades e as pessoas são chamadas a serem missionárias, no sentido de anunciar o Evangelho, mesmo sem nunca saírem de suas cidades. Assumindo atitudes missionárias no próprio ambiente geográfico, por meio da pregação e da vivência dos ensinamentos de Jesus, estarão colaborando com a missão do Reino. Continua o desafio de evangelizar no além-mar, mas de modo diferente. A missão proposta por Jesus e que continua a nos incomodar, desafiando nosso modo de ser cristão nos dias de hoje, é de anunciar e viver o Reino de Deus, que, como vimos na proposta da comunidade de Mateus, consiste em ir eliminando o mal, o sofrimento, em vivenciar a misericórdia divina, em acolher na sociedade os excluídos. Desse modo, um mundo novo se instaura como prefiguração daquele que há de vir. Assim seja!

Jesus e seus discípulos, autor desconhecido



REFERÊNCIA

- ¹ SABOYA, Marysa Mourão (Org.). *Proseguir o caminho com as comunidades judaico-cristãs: uma leitura do evangelho de Mateus* feita pelo Cebi-MG. São Leopoldo: Oikos; Minas Gerais: Cebi, 2014. p. 58-63.

Frei Jacir de Freitas Faria, OFM

Escritor e mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma
www.bibliaeapocrifos.com.br



Arquivo pessoal



ENTENDENDO A BÍBLIA

Theotokos de Vladimir, século XII, autor desconhecido

EVANGELHOS APÓCRIFOS MARIANOS

Maria, a mãe! Mãe, a Maria! Mãe de Jesus. Mãe dos cristãos. Mãe de Deus e nossa. Como Maria viveu?

Qual é sua história? Podemos reconstituir a história de Maria? Se tomarmos os Evangelhos Canônicos, isto é, os oficiais, com certeza teremos muitos dados sobre a atuação desta mulher ímpar na história do cristianismo. Mas, e se considerarmos os Evangelhos Apócrifos, aqueles que não entraram na Bíblia? Poderemos reconstituir a história da vida de Maria? Estamos em um terreno novo, o dos apócrifos. Verdade ou não, eles falam de Maria, sendo mais de uma dezena; esses textos nos trazem luzes novas, complementando nossa fé mariana. Fé, na maioria das vezes, transmitida na oralidade, mas também transformada em dogma pela Igreja Católica. Eu ousaria dizer: uma ortodoxia mariana popular, para além do oficial. Antes de apresentar os apócrifos marianos, faz-se necessário classificar os apócrifos em três categorias, a saber:¹

ABERRANTES: textos que exageram na descrição de fatos sobre Jesus e Seus seguidores ou discorda totalmente da narrativa canônica;

ALTERNATIVOS: textos que apresentam uma alternativa de apresentar o cristianismo, bem diferente daquele que se tornou hegemônico, representado pelos textos inspirados (canônicos);

COMPLEMENTARES: textos que procuram complementar os relatos canônicos sem, na maioria das vezes, diminuir-lhes o caráter de textos inspirados; mas, ao contrário, reforçam um posicionamento teológico ou eclesial do cristianismo hegemônico.

Os apócrifos marianos enquadram-se, em sua quase totalidade, na categoria complementar.

APÓCRIFOS MARIANOS

Existem vários livros apócrifos que contam a história de Maria.² Alguns



Nossa Senhora da Grande Paróquia, século XIII, autor desconhecido

Existem vários livros apócrifos que contam a história de Maria. Alguns são dedicados especificamente a ela, como os de sua dormição e assunção; outros narram fatos de sua vida. Eles estão situados nos primeiros séculos do cristianismo e influenciaram sobremaneira a liturgia e a arte

são dedicados especificamente a ela, como os de sua dormição e assunção; outros narram fatos de sua vida. Eles estão situados nos primeiros séculos do cristianismo e influenciaram sobremaneira a liturgia e a arte. A maioria desses apócrifos foi escrita entre os séculos II ao VI. Alguns poucos foram produzidos na Idade Média, quando a devoção mariana ganhou novo vigor entre os cristãos e os apócrifos sobre Maria dos primeiros séculos do cristianismo foram resgatados e influenciaram fortemente o modo de viver a fé na época, chegando até nossos dias. Os apócrifos com enfoque ou que trazem dados de fé mariana são:

a) **EVANGELHO DOS HEBREUS.** Escrito provavelmente no Egito, entre os anos 100 a 120, há somente fragmentos desse evangelho. Seu conteúdo foi muito difundido entre os cristãos. Seu conteúdo é semelhante ao do evangelho de Mateus, mas com um forte teor gnóstico. Maria é apresentada como a força que desceu do céu. Jesus refere-se ao Espírito como “minha Mãe, o Espírito”.

b) **PROTOEVANGELHO DE TIAGO.** Como indica o título desse evangelho, sua autoria é atribuída ao apóstolo Tiago, com certeza, o Menor, que fora o primeiro bispo de Jerusalém, também conhecido como o “Irmão do Senhor”. Possivelmente, é uma obra do ano 180, mais precisamente entre 150 e 200. Foi escrita em Alexandria, por um judeu-cristão, que a compôs em grego. Este apócrifo ressalta o papel de Maria como mãe de Jesus e virgem. Maria é a nova Eva. A história de seus pais estéreis, seu nascimento, a consagração no Templo, o casamento com o ancião José e sua virgindade perpétua são descritas de forma poética. Um dos motivos da rejeição desse evangelho foi o fato de ele apresentar São José como viúvo e pai de vários filhos. Muitos dos relatos foram incorporados, posteriormente, à doutrina teológica da Igreja grega e latina. A celebração na liturgia de São Joaquim e Sant’Ana tem, por exemplo, base nesse evangelho.

c) **PROTOEVANGELHO DA NATIVIDADE DE MARIA.** Datado do ano 200, esse apócrifo, também conhecido como Papiro de Bodmer (por pertencer a uma biblioteca que leva esse nome), pode ser considerado como a forma mais antiga do Protoevangelho de Tiago. A Natividade de Maria ressalta o papel importante de Maria na história do cristianismo. Ela é vista como a novidade na história, mesmo não tendo consciência disso. Maria é uma menina bem cuidada pelos pais, vivendo como consagrada no Templo. A história mariana é relida a partir do Primeiro Testamento.

d) EVANGELHO DE BARTOLOMEU OU PERGUNTAS DE BARTOLOMEU.

Atribuído ao apóstolo Bartolomeu, esse apócrifo foi originariamente escrito em grego e pode ser datado no século III. Eusébio de Cesareia diz que, quando foi pregar na Índia, Bartolomeu escreveu um evangelho. O apóstolo conversa com Jesus ressuscitado sobre questões, como: inferno, pecado, sacrifício no paraíso, entre outros temas. O livro inicia com Jesus contando para Bartolomeu como foi Sua descida aos infernos. Já em relação a Maria, o texto diz que, a pedido dos apóstolos, ela conta como recebeu a anunciação do anjo e da concepção daquele que é inconcebível. No entanto, é impedida pelo Senhor de narrar todo o mistério. Ela é também

questionada por Pedro sobre seu protagonismo na eliminação da transgressão de Eva. Maria reconhece Pedro como chefe, grande coluna da Igreja.

e) LIVRO DO DESCANSO.

Escrito provavelmente do século III, este é um dos mais antigos apócrifos sobre a Assunção de Maria. O conteúdo composto de cinco livros e 136 capítulos. Ele não trata somente da morte e assunção de Maria, mas também de outros fatos de sua vida e dos apóstolos. Jesus recorda, com Maria, a fuga para o Egito. Ele lhe diz que é o terceiro da divindade. A virgindade é apresentada, por Pedro, como agradável a Deus. Antes de Maria ser assumpta aos céus por Jesus, os apóstolos discutem se Paulo poderia ser considerado como apóstolo. Quando Maria é levada aos céus, Jesus confirma Paulo como apóstolo, com Pedro.

f) EVANGELHO DO PSEUDO-MATEUS. Este apócrifo, datado de 350, narra o nascimento de Maria, sua permanência no Templo como consagrada por nove anos, quando fez voto de castidade. Posteriormente, ela dá à luz virgem e assim permanece. Esse evangelho narra

também a infância de Jesus. A tradição atribuiu sua autoria ao evangelista Mateus, que o teria escrito em hebraico, sendo traduzido para o latim por São Jerônimo (347-420). A tradição diz que esse santo teria traduzido um pequeno livro que o evangelista Mateus teria escrito, mas que não quis juntá-lo a seu evangelho. O Evangelho do Pseudo-Mateus teve forte influência na literatura e na arte da Idade Média.

g) HISTÓRIA DE JOSÉ, O CARPINTEIRO. A datação desse apócrifo é, provavelmente, do ano 380. No entanto, o frade franciscano e arqueólogo Bellarmino Bagatti (1905-1990), por considerar dados das comunidades judaico-cristãs, propõe o século II. O livro trata propriamente sobre a história de José, narrada por Jesus, de forma carinhosa, aos apóstolos, no Monte das Oliveiras. Maria é apresentada como “Nossa Senhora” e “Senhora, mãe de nossa Salvação”, que é o Senhor Jesus Cristo. No conteúdo, são narrados vários relatos da vida de Maria, como: vida de consagrada no Templo, casamento com José, viagem para Belém, fuga para o Egito, aflição diante da morte de José, sua morte e assunção. Nesse livro, José é apresentado como esposo carinhoso de Maria e pai terreno de Jesus. Nascido em Nazaré, exerceu a profissão de carpinteiro e morreu idoso. Antes da morte, teve medo, sendo amparado por Maria e por Jesus.



Natividade da Virgem com os selos da vida na terra, século XVI, autor desconhecido

h) **LIVRO DE SÃO JOÃO EVANGELISTA, O TEÓLOGO, SOBRE A PASSAGEM DA SANTA MÃE DE DEUS.** Mesmo não sendo o mais antigo apócrifo sobre a assunção de Maria, alguns estudiosos falam de um apócrifo do mesmo gênero no século II: *Trânsito da Santa Maria*, de Leucio, discípulo dos apóstolos. Livro de São João evangelista, o teólogo, foi o apócrifo assuncionista mais popular entre os cristãos do oriente bizantino. Foi escrito no século IV ou um pouco antes. A narrativa conta, além de outros detalhes sobre a morte de Maria,

que sua assunção ocorreu em um dia de domingo. Ela não encontra empecilhos para chegar ao paraíso. O culto a Maria como intercessora da humanidade junto a Jesus, tão amplamente difundido entre os cristãos, sobretudo da Idade Média, deve muito a esse texto, atribuído a São João evangelista.

i) **TRÂNSITO DE MARIA DO PSEUDO-MILITÃO DE SARDES.** Escrito entre o fim do século IV e início do V, esse livro narra a morte, a ressurreição e a assunção de Maria.

Originalmente em latim, seu conteúdo é atribuído a Militão, bispo de Sardes, na Lídia, onde atuou no século II. Autor de livros com temas sobre a Páscoa, batismo, criação, alma e corpo, encarnação, ele travou disputas teológicas com Marcião. A narrativa inicia com a referência a Maria sendo entregue a São João, aos pés da cruz. Ela vai morar em Jerusalém. Dois anos depois, um anjo aparece a ela e lhe entrega um ramo de palmeira, anunciando a sua morte em três dias. Maria pede a presença dos apóstolos, que são trazidos pelas nuvens até sua casa. Ela prepara a roupa para a morte e dorme. Jesus vem para levar sua alma. Os apóstolos organizam o sepultamento. Durante o cortejo fúnebre, um chefe dos sacerdotes judeus quis virar o esquife, mas suas mãos secaram. Então ele suplicou a Pedro, que lhe exigiu profissão de fé em Jesus, antes de ser curado. E assim ocorreu. Em seguida, com a palma de Maria, ele entrou em Jerusalém e curou a cegueira de muitos. O corpo de Maria foi levado ao sepulcro. Jesus veio com anjos e a levou para o céu. Os apóstolos retomaram seu apostolado.

REFERÊNCIAS

- ¹ FARIA, Jacir de Freitas. *Apócrifos aberrantes, complementares e cristianismos alternativos: poder e heresias!* Introdução crítica e histórica à Bíblia Apócrifa do Segundo Testamento. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- ² A história completa de Maria nos apócrifos está em nosso livro: *História de Maria, Mãe e Apóstola de seu Filho, nos Evangelhos Apócrifos*. Petrópolis: Vozes, 2006.

Frei Jacir de Freitas Faria, OFM

Escritor e mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico de Roma
www.bibliapocrifos.com.br



Arquivo pessoal



A educação da Virgem, 1700, Jean-Baptiste Jouvenet

CONSAGRAÇÃO DE DE MARIA NOS EVANGELHOS APÓCRIFOS

Maria passou quase toda a infância no Templo de Jerusalém, como consagrada a Deus.

Dia após dia, nos três primeiros anos de sua vida, conforme relatado no Proto-Evangelho de Tiago (VI-VII), ela se tornava uma criança robusta. Quando completou seis meses, sua mãe a colocou no chão para ver se permanecia em pé. Maria deu sete passos e voltou-se ao regaço materno. Ana tomou-a nos braços, dizendo: "Tão certo como vive o Senhor meu Deus, não andarás por esta terra, até que te conduza ao Templo do Senhor". E a progenitora preparou-lhe um santuário em seu quarto e não permitia que nada de profano nem de impuro tocassem seu corpo. E Ana chamou as donzelas hebreias sem mácula para entreter-se com ela.

Quando a menina completou um ano, Joaquim preparou uma grande recepção e convidou os chefes dos sacerdotes, os sacerdotes, os escribas, o conselho dos anciãos e todo o povo de Israel para festejar o aniversário da filha. Naquele dia,

ele apresentou a menina aos sacerdotes. Estes a abençoaram, dizendo: "O Deus de nossos pais, abençoe esta criança e dê-lhe um nome glorioso e eterno por todas as gerações". E todo o povo respondeu: "Assim aconteça! Amém!" E os sacerdotes apresentaram-na aos chefes dos sacerdotes, que a abençoaram, dizendo: "Oh! Deus Altíssimo, lança Teu olhar sobre esta menina e concede-lhe a mais ampla bênção, além da qual não haja outra".

Ana, levando a criança para o santuário do quarto, deu-lhe o seio. Ela também elevou um cântico ao Senhor, dizendo: "Entoarei um cântico sagrado ao Senhor meu Deus, porque me visitou e afastou de mim a afronta de meus inimigos. O Senhor meu Deus concedeu-me um fruto santo, que é único e múltiplo a seus olhos. Quem anunciará

aos filhos de Rúben que Ana está amamentando? Ouvi, ouvi, vós, as doze tribos de Israel, que Ana está amamentando". E ela colocou a criança para repousar, saiu e pôs-se a servir os convidados. Quando terminou a refeição, todos desceram repletos de alegria e glorificaram o Deus de Israel.

Os meses passavam-se. Quando Maria completou dois anos, Joaquim disse: "Vamos levá-la ao Templo do Senhor, para cumprir a promessa que fizemos, a fim de evitar que o Soberano Senhor nos puna ou que nossa oferta seja rejeitada". Ana respondeu-lhe: "Esperemos o terceiro ano, para que ela não sinta falta de seu pai e de sua mãe". E Joaquim concordou em esperar mais um ano.

Quando a menina fez três anos, Joaquim disse: "Convidemos as filhas dos hebreus, que são puras, para que tomem suas candeias e as conservem acesas para acompanhá-las. Deste modo, a menina não voltará atrás, e seu coração não estará preso por qualquer coisa fora do Templo do Senhor". Assim eles fizeram, até chegar ao Templo do Senhor.

Quando chegaram ao Templo, o sacerdote recebeu Maria e, depois de beijá-la, abençoou-a, dizendo: "O Senhor exaltou teu nome por todas as gerações. Em ti, nos últimos dias, o Senhor mostrará a salvação aos filhos de Israel". Então o sacerdote a fez sentar no terceiro degrau do altar e o Senhor fazia descer Sua graça. Maria dançou com os pés e foi amada por toda a casa de Israel.

Como vimos, os três primeiros anos de Maria são marcados pelo enaltecimento da criança. Até uma festa de aniversário é realizada

Quando chegaram ao Templo, o sacerdote recebeu Maria e, depois de beijá-la, abençoou-a, dizendo: "O Senhor exaltou teu nome por todas as gerações. Em ti, nos últimos dias, o Senhor mostrará a salvação aos filhos de Israel". Então o sacerdote a fez sentar no terceiro degrau do altar e o Senhor fazia descer Sua graça. Maria dançou com os pés e foi amada por toda a casa de Israel

para comemorar seu primeiro ano de vida. A alegria dos pais e do povo, incluindo aí as autoridades religiosas, pode parecer exagerada diante dos costumes da cultura judaica daquela época. Uma mulher nunca seria enaltecida pelo judeu por causa de seu nascimento. Ao contrário, o judeu conservador reza, ainda hoje, ao levantar-se “Obrigado, Senhor, por não ter nascido mulher!” No entanto, a narrativa quer ressaltar o valor de Maria, sua pureza, entendida como santidade, desde o nascimento. Ela vive sem colocar os pés no chão e possui um santuário no quarto. Nisto está a teologia do corpo puro para ser consagrado, o que exigia a separação de pessoas e de objetos. Nisto o texto segue os costumes judaicos de purificação para ser puro, isto é, santo.

DOS TRÊS ANOS AOS DOZE ANOS – CONSAGRAÇÃO NO TEMPLO DE JERUSALÉM

Maria foi levada ao Templo de Jerusalém por Joaquim e Ana. Assim, eles cumpriram o voto que Ana havia feito. Ao chegar ao Templo, Maria subiu velozmente os quinze degraus do Templo, sem sequer olhar para trás nem procurar pelos pais.

Joaquim e Ana voltaram para a casa, louvando e glorificando a Deus, Soberano Senhor, porque a menina não havia voltado para junto deles. E Maria viveu no Templo de Jerusalém, como consagrada, desde os três anos aos doze anos, ou catorze anos, conforme Pseudo-Mateus. Já no apócrifo História de José, o carpinteiro, afirma-se que Maria viveu nove anos no Templo. O número 9 é simbólico. O número 3 representa a dimensão divina (Céu, *Xeol* e Firmamento). Já dizer 9 é o mesmo que dizer o tempo de Deus três vezes. Assim, vivendo nove anos no Templo, Maria viveu completamente consagrada a Deus.

O Evangelho Pseudo-Mateus (6,2-7-2) descreve a vida de Maria no Templo do seguinte modo: ela se impusera a seguinte regra: de manhã, até a hora terceira (das 6 horas às 9 horas), dedicava-se à oração; da hora terceira à nona (das 9 horas às 15 horas), ocupava-se no trabalho de tecelagem; da hora nona em diante (das 15 horas às 18 horas), dedicava-se novamente à oração. A jovem não deixava a



oração enquanto não lhe aparecia o anjo de Deus, de cujas mãos recebia o alimento. Assim, sempre mais e sempre melhor, progredia no serviço de Deus.

Além disso, enquanto as virgens mais velhas repousavam dos louvores divinos, ela nunca repousava, de modo que, nos louvores e nas vigílias, nenhuma estava antes dela, nenhuma era mais instruída no conhecimento da Lei, nenhuma mais humilde na humildade, nenhuma possuía mais graça no canto, nenhuma era mais perfeita em todas as virtudes.

Maria era constante, firme, imutável e progredia para melhor todos os dias. Ninguém a viu zangada, nem a ouviu amaldiçoar. Todo o seu falar era repleto de graça, que se compreendia que Deus estava em seus lábios. Assídua na oração e na meditação da Lei, era atenta para não maldizer contra as companheiras, nem se deixar levar em risos muito ruidosos, nem em desaforos, ou jactâncias contra suas companheiras. Bendizia a Deus sem cessar e,

para não interromper seus louvores a Ele, respondia “Graças a Deus” a quem a saudasse. Ela se alimentava todos os dias apenas com o alimento que recebia da mão do anjo. Os alimentos que os sacerdotes lhe davam, Maria os distribuía aos pobres. Frequentemente se viam os anjos de Deus falando com ela e obedecendo-lhe diligentemente.

Se alguma doente a tocassem, no mesmo instante, a enferma voltava sã para casa. O sacerdote Abiatar apresentou ao pontífice (= sumo sacerdote) um número infinito de presentes para tomá-la como esposa de seu filho. Maria rejeitou-os, dizendo: “Não pode acontecer que eu tenha relações sexuais com um homem ou um homem comigo”. Os pontífices e todos os conhecidos lhe disseram: “Deus é venerado nos filhos e adorado nos descendentes”. Como sempre tem sido em Israel. Maria respondeu: “Deus é honrado antes do mais pela castidade, como é comprovado. Pois, antes de Abel, nenhum homem foi declarado justo; e ele agradou a Deus por causa de



Apresentação da Virgem no templo, c. 1500, Nicolas Dipre

suas ofertas e foi impiamente assassinado por aquele que não agradou (a Deus). Ele ganhou assim duas coroas: a da oferta e a da virgindade; pois sua carne nunca foi poluída (pelo casamento). Elias também, quando estava na carne, foi arrebatado porque guardou virginalmente sua carne. É o que aprendi no Templo desde a minha infância: que a virgindade pode ser muito preciosa para Deus. Por isso decidi em meu coração não ter relações (matrimoniais) com homem algum”.

No apócrifo História de José, o carpinteiro (3,1), Jesus declara: “Enquanto meu pai José permanecia em sua viuvez, minha mãe, de sua parte, dotada de belas qualidades e bendita entre as mulheres, vivia no Templo, servindo a Deus em toda a santidade”.

A ATUALIDADE DA CONSAGRAÇÃO DE MARIA

A Apresentação de Maria no Templo de Jerusalém, e a consequente consagração,

faz parte das festas litúrgicas da Igreja Católica. Ela é celebrada no dia 21 de novembro. Essa festa era celebrada na Igreja do Oriente desde 543 E.C. A Igreja do Ocidente (Romana) incorporou-a no calendário no século XVI, quando o culto a Maria foi revigorado. Na liturgia do Batismo da Igreja Católica, a comunidade reclama, quando o celebrante resiste em manter no ritual do Batismo, a Consagração da criança a Nossa Senhora. E há até padrinho e madrinha de consagração. Com isso, os pais querem que seus filhos sejam, como Maria e por meio de sua intercessão, consagrados a Deus.

No Templo, Maria vivia em oração constante. Trabalhava e rezava. Rezava e trabalhava. Essas atitudes marcaram sua vida de consagrada. Ela viveu de modo ascético. Um anjo falava-lhe e lhe trazia o alimento, o que significa que Deus falava com Maria e cuidava dela. O anjo é a presença divina, é Deus mesmo. A exaltação da virgindade mariana nos

apócrifos merece um comentário à parte. Maria mesma se declara consagrada a Deus pela virgindade. Ela nega a relação sexual e justifica que, desde pequena, aprendeu o valor à virgindade. Esse acento demasiado na castidade como negação do corpo deve ser compreendido a partir da influência dos gnósticos enkratistas, grupo que pregava a negação do corpo como caminho para encontrar a salvação. Dizer que Maria pensava assim reforçava essa visão de mundo.

Ainda em nossos dias, essa ideia está presente entre nós. A virgindade de Maria, como é apresentada nos apócrifos, continua como ideal de vida para muitos. Parece um absurdo pensar. E é. A consagração só tem sentido se for vista de modo integrador. Negar os prazeres do corpo, porque isso é pecado e não querido por Deus, não é um caminho salutar. Quantos de nossos jovens, seguindo esse modo de pensar, veem pecado em tudo. Confessam sempre, não para dizer que deixaram ser honestos, que não lutaram pela justiça social, mas porque pecaram contra a castidade, isto é, não conseguiram anular os prazeres do corpo. Os corpos da mulher Maria e de tantas Marias mulheres de nossos dias não podem ser vistos como modelo de negação do corpo. Uma visão integrada de gênero não nos permite pensar assim. Ou passamos a ver e vivenciar a castidade de outro modo, ou esse modo de pensar deixa de ser virtude.

No Templo, Maria age com personalidade de mulher. Ela tem autoridade; estuda a *Toráh*, algo reservado aos homens, discute com os sacerdotes e não aceita uma proposta de casamento. A piedade popular inspira-se em Maria, porque é uma mulher de Deus, repleta de graça e de fé. Queremos ter a fé de Maria; por isso, estamos sempre com ela no coração e em nossa devoção.

**Frei Jacir de
Freitas Faria, OFM**

Escritor e mestre em
Ciências Bíblicas pelo
Pontifício Instituto
Bíblico de Roma
www.bibliapocrifos.com.br



Arquivo pessoal

